

CAIO FÁBIO
D'ARAÚJO FILHO

Síndrome de Lúcifer

O que é que transforma
um líder em ditador?
Um despretensioso servo
em vaidoso "superstar"?
Um homem de Deus
num aliado do diabo?

Síndrome de Lúcifer

Caio Fábio

Digitalizado por Paulo André



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Publicado com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela Editora Betânia S/C
Caixa Postal 5010 - 31.611 Venda Nova, MG
Primeira edição, 1988
Composto e impresso nas oficinas da Editora Betânia S/C
R. Padre Pedro Pinto, 2435 Balo Horizonte (Venda Nova), MG
Made in Brazil

A todos aqueles que receberam honra, poder, exaltação e prestígio
— e souberam transferir tudo para a glória de Deus.

A todos os que se tendo como espiritualmente formosos,
entenderam que sua beleza não passava de mero reflexo da
imagem de Deus.

A todos aqueles que viveram suas dúvidas, porém dispostos a
submeterem-se à verdade.

Índice

| | |
|---|----|
| Prefácio..... | 4 |
| Introdução - Síndrome de Lúcifer..... | 7 |
| A Síndrome de Lúcifer Pode Acontecer Dentro da Igreja | 12 |
| Os Sintomas da Síndrome | 20 |
| A Trágica História dos Dissimuladores | 32 |
| O Detector da Síndrome de Lúcifer | 50 |
| O Lado Religioso do Juízo de Deus..... | 63 |
| Como a Igreja Deve Enfrentar a Síndrome..... | 82 |
| Dar a Deus o que Lúcifer não Soube Dar | 98 |

PREFÁCIO

"Como caíram os valentes!"

A história do povo de Deus não é apenas uma história de glória, santidade e progresso, mas é também uma feia novela de relacionamentos quebrados, infidelidade, ambição, orgulho, política de força e atos imorais. E os líderes do povo de Deus estão muitas vezes, vezes demais, no centro dos atos e das atenções nesta face escura da História.

Para quem tem responsabilidade de liderança na igreja (isto inclui todos nós, pois liderar é servir, e todos somos chamados para servir), o Rev. Caio Fábio traz de volta o poderoso lembrete que é essa pequena epístola de Judas. Faz-nos lembrar, a nós que lideramos — pastores, professores, evangelistas, presbíteros, diáconos, pais, mães, irmãos e irmãs — ou estamos sendo treinados para liderar, que mesmo quando as nossas intenções originais são boas, santas e justas, corremos o risco de errar, de nos desviar, perder o caminho e nos afastarmos de nossa vocação e serviço.

A experiência de liderança e autoridade pode ser embriagante. Ouvimos muitos elogios sobre a qualidade e eficiência de nosso trabalho, e infelizmente começamos a considerar-nos especiais. Começamos a encarar as pequenas recompensas que aparecem como algo que merecemos, e a nos ressentir de qualquer oposição ou crítica que se oponha ao nosso caminho. Então, passamos a usar a força e a política para fazer as coisas acontecerem como queremos. Nesse caso, mais um valente foi vitimado pela Síndrome de Lúcifer.

Como precisamos desse aviso! Como precisamos de líderes que tomem posição contra essa liderança falsa, edificando-se na fé e dependendo de Deus no poder do Espírito, conservando o amor de Deus!

Para vocês que desejam encarar seriamente o desafio de lutar contra a Síndrome de Lúcifer na liderança do povo de Deus, esta exposição da epístola de Judas será um encorajamento. E temos

um Encorajador maior ainda, pois nosso Deus é poderoso para nos guardar de cair. A você, que é líder do povo de Deus, este livro se dirige, e eu oro para que seja um estímulo a um ministério de liderança com renovada eficácia, em profunda fidelidade.

— Douglas Spurlock SEPAL/SETE

A EPÍSTOLA DE JUDAS E A SÍNDROME DE LÚCIFER

Por que estudar Judas a partir da idéia da Síndrome de Lúcifer? Não seria uma violência ao texto bíblico? Não se estaria desviando o olhar do leitor do texto puro e simples para fazê-lo voltar-se para outra realidade da epístola, para um fato secundário que encobre a idéia central do texto do Judas? Penso que não!

De fato, estou convencido de que quando se pensa na história da rebelião dos seres humanos em relação a Deus e aos padrões divinos, está-se pensando nos desdobramentos da Síndrome de Lúcifer. O mal tem caras diferentes, mas é essencialmente o mesmo: anjos e homens rebelados não passam de criaturas em revolta contra Deus. E, em ambos os casos, a atitude de enfrentar a Deus nasce da mesma fonte: o desejo de autonomia em relação a ele.

Ora, quando estudamos a epístola de Judas, percebemos os mesmos traços de rebelião que se pode perceber na atitude do anjo de luz que se auto-alienou de Deus. É por essa razão que Judas evoca, por duas vezes em seu texto, o livro de Enoque, especialmente no que se refere à concepção judaica da rebelião dos anjos e das suas implicações em relação ao estado de cativo que acometeu aquelas criaturas da dimensão celeste (6 e 14). Além disso, Judas usa para aqueles que na comunidade cristã estavam-se rebelando contra o "único Senhor" (4b e 25a), a mesma expressão que Isaías emprega para descrever a queda de Lúcifer: "a estrela errante" que caiu do seu brilho (13b; Is 14.12a). Por fim, devo dizer que ninguém deveria estranhar essa idéia de que a Síndrome de Lúcifer pode penetrar vidas humanas, pois o Novo Testamento nos dá conta de que isso é mais que possível:

"Aqueles homens são apóstolos falsos, e não verdadeiros. Eles mentem a respeito de seus trabalhos, e se disfarçam em verdadeiros apóstolos de Cristo.

"E não é de admirar, pois até Satanás pode se transformar e parecer um anjo de luz! Assim, é muito natural que os seus servidores se disfarçam em pessoas que fazem o bem. No fim, eles receberão exatamente o que merecem." (2 Co 11.13-15 — BLH.)

A própria linguagem do Apocalipse, quando alude ao líder da Igreja chamando-o de "anjo", estabelece uma extrema proximidade entre as funções de ambos os grupos: o dos pastores e o dos anjos (Ap 1.20; 2.1,8,12,18; 3.1,7,14).

Aliás, se há um grupo humano no qual a Síndrome de Lúcifer pode se manifestar com extrema similaridade em relação ao que houve na queda do Anjo de Luz, é o dos líderes religiosos. Isso porque nos outros segmentos da sociedade e da vivência humana, a Síndrome, quase sempre, se reveste de motivos e cores irreligiosos. Porém, no meio cristão, na assembléia dos santos, tem-se o "ambiente semi-original" como o pano de fundo para a manifestação do mal. Mesmo quando não se está lutando contra Deus corre-se o risco de — ainda assim — estar-se vivendo a ambígua situação de empanar o brilho da glória de Deus pela glorificação de nosso consagrado ego. Isso ocorre especialmente nos ambientes religiosos onde há pessoas que se sentem divinamente elevadas (Ez 28.1), moralmente formosas (Ez 28.7), perfeitas em conduta (Ez 28.12), exaltadas no status da fé (Ez 28.14), insaciáveis em suas ambições religiosas (Is 14.13) e pretensamente possuidoras de todas as revelações de Deus (Ez 28.3). Sim, nesses ambientes a Síndrome tem seu cenário ideal para se apresentar e se expandir sem limites, porque na primeira rebelião — a de Lúcifer — o ambiente era assim também.

Por tudo isso é que resolvi escrever este comentário sobre a epístola de Judas, pois, pessoalmente, estou convencido de que, se não tomarmos cuidado, dentro em breve poderemos ser uma Igreja (e quando falo de Igreja estou-me referindo à Igreja Cristã)

possuída por maldade, perversidade e megalomania semelhantes as que já houve em outros períodos negros da História da Igreja.

Não foi sem temor que escrevi este livro. Temor de ser mal interpretado, tanto pelos que rejeitarão o que escrevi, como pelos que tentarão fazer dele um guia para diagnosticar "casos" da Síndrome. Todavia, apesar de conhecer os riscos que corro, creio que corrê-los ainda é um mal menor do que nada tentar fazer para impedir que a Síndrome de Lúcifer cresça em nosso meio.

INTRODUÇÃO - SÍNDROME DE LÚCIFER

Talvez Judas tivesse acabado de ler um bom livro. Digo isso porque os especialistas acreditam que a epístola de Judas possa ser um sumário da segunda epístola de Pedro, ou o contrário: a de Pedro uma expansão da de Judas. No entanto, há quem pense que ambas as epístolas — Judas e Pedro — basearam-se numa terceira, que lhes foi ponto comum de consulta. De qualquer forma não parece haver dúvida de que ambos — Judas e Pedro — tiveram um ao outro como referencial: ou que ambos leram o mesmo livro, de um terceiro.

O fato é que a mente de Judas ainda estava impregnada das palavras fortes, pungentes, calorosas, incisivas e veementes do texto que o prendera, talvez, durante toda a manhã.

Após a leitura, ele próprio decide escrever algumas idéias que estão-lhe queimando o coração. Pessoalmente ele estava interessadíssimo no tema da salvação (verso 3). Tinha algumas reflexões acerca dessa questão que gostaria de desenvolver e redigir. Cria que algumas definições a mais a respeito da vida cristã e da segurança espiritual que ela oferece aos crentes nunca seria demais compartilhar. Afinal, tratava-se da "comum salvação", ou seja, todos os que tinham relação de fé com Jesus Cristo guardavam dentro de si a firme certeza de estarem livres de toda condenação definitiva.

"É, vou redigir umas linhas a esse respeito" — pensa ele esperançoso. Mas quando se prepara para iniciar o seu trabalho teológico, Judas é surpreendido por uma notícia: a comunidade à

qual ele pretende dedicar seu livro está vivendo uma situação eclesiástica perigosíssima.

Judas, com forte bom-senso, tenta compreender melhor a problemática que atingira aqueles irmãos tão "amados". Então conversa, pergunta, pesquisa e discerne a sutileza do problema que ameaça solapar a Igreja dos seus sonhos. Diante disso ele resolve adiar seu trabalho de reflexão teológica sobre a doutrina da salvação — a soteriologia — e dedica-se a articular novas idéias a fim de confrontar a "teologia nova" que ameaça arruinar a Igreja. Antes de tudo, Judas sabia que não adiantava insistir em escrever um texto que não fosse pertinente à necessidade do povo de Deus. De fato ele sabia que toda produção teológica tem que atender à realidade concreta vivenciada pela Igreja de Cristo. "Fazer teologia" que não diga respeito à vida concreta é fazer poesia abstrata, por mais interessante que seja o tema.

Dessa forma, Judas nos ensina que, conquanto os pregadores e escritores cristãos tenham o dever de fazer propostas, têm também a obrigação de oferecer respostas cristãs que tenham profunda ligação com as questões da vida. Assim, toda resposta cristã tem que ter proposta, e toda proposta cristã tem que apresentar também resposta às questões da vida.

É nesse momento que Judas nota como fora útil o Livro que acabara de ler. Afinal, o "esboço do livro" seria totalmente pertinente à necessidade que ele agora percebe existir na Igreja dos seus sonhos. Ele sabia que as heresias variam de forma e conteúdo geral, mas na essência todas elas revelam o mesmo mal: A SÍNDROME DE LÚCIFER. Ora, uma síndrome é a conjugação de várias causas e sintomas formando um conjunto de coisas amplas, às vezes impossível de ser compreendido a não ser à luz de uma análise conjuntural. No caso da Síndrome de Lúcifer, ela se origina de variadas fontes de rebelião contra Deus e seus absolutos. Tudo começa com a auto-exaltação, com um certo narcisismo espiritual, com o inebriamento ante a própria beleza e elevada virtude que se pensa possuir, até o dia quando se perde a noção de que Deus é a fonte de onde emana todo bem, poder e virtude, e passa-se a crer que em nós existe uma fonte geradora de bondade, poder e virtude auto-existentes e um tanto independentes de Deus. Em outras palavras pensa-se: "Ele me criou, mas hoje eu existo por mim mesmo." Foi isso que aconteceu ao Anjo de Luz, que admirou tanto a si mesmo que se projetou como concorrente da divindade. Aí caiu.

Segundo a Bíblia, a própria tragédia humana está baseada também no conjunto de causas dos sintomas que caracterizam a Síndrome de Lúcifer.

PRIMEIRA CAUSA: RELATIVIZAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

- Mediante o acolhimento de uma dúvida satânica: "É assim que Deus disse: não comereis de toda árvore do jardim?" Primeiro ele afirma que Deus disse. Depois põe em dúvida o que Deus disse, acrescentando uma interrogação. A dúvida foi acolhida (Gn 3.2).

- Mediante a alteração da Palavra de Deus: Depois que a dúvida foi acolhida, a Palavra de Deus pôde ser alterada. A mulher acrescentou à Palavra de Deus algo que ele não dissera: "nem tocareis nela" (Gn 3.3). Era o princípio da relativização da Palavra de Deus. Quem altera para mais, também altera para menos ou nega (Gn 3.4).

SEGUNDA CAUSA: A AUTODIVINIZAÇÃO

"Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal." (Gn 3.5.)

Esse processo de autodivinização tem sempre os mesmos passos, tanto em relação a Lúcifer como em relação aos homens:

- Atribui-se a Deus uma semitirânica imposição de limites desnecessários à vida de suas criaturas: "Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos..." (Gn 3.5a.)

- Afirma-se a possibilidade de se superarem as condições originais da vida e se projetar o próprio ser, para tornar-se um semideus:

"E, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal."

O que não se diz é que quem manifesta essa insatisfação interior com a própria condição original já está possuído de uma predisposição ao mal. Daí todo conhecimento do bem e do mal que se obtém mediante essa insatisfação intrínseca com a condição que Deus nos atribuiu, resulta sempre em se conhecer o bem, mas

não realizá-lo; e se conhecer o mal, mas não ter forças para evitá-lo, pois já se tem uma tendência prévia filosófica e motivacional para a prática do mal.

TERCEIRA CAUSA: A ABSOLUTIZAÇÃO DE SI MESMO

"E vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela." (Gn 3.6.)

A absolutização de si mesmo se manifesta da seguinte maneira:

- Tudo que apela ao apetite tem que ser obtido: "A árvore era boa para se comer..."

- Tudo que satisfaz o senso estético tem que ser conseguido: "A árvore era agradável aos olhos..."

- Tudo que converte o conhecimento humano em conhecimento divino tem que ser atingido: "A árvore era boa para entendimento..."

Esse conjunto de coisas, causas e efeitos faz da Síndrome de Lúcifer uma realidade para anjos e homens.

A rebelião universal contra Deus obedece aos mesmos princípios ideológicos: os de Lúcifer.

No entanto, devo mencionar dois fatos básicos:

1. Todo ser humano vive em maior ou menor grau a realidade dessa Síndrome.

2. A Síndrome de Lúcifer tem cura nos seres humanos; só não tem cura nos anjos.

Voltemos ao nosso comentário de Judas.

Judas pegou papel e caneta (perdoem-me o anacronismo] e começou a escrever. Era uma tarefa "para ontem". Não havia tempo a perder. A heresia tem o poder dos piores cânceres. Quando começa, dá logo metástase, estende-se a todos os órgãos nobres. De forma que, quando se tem a "sorte" de detectá-lo no início do processo, é urgente fazer-se a cirurgia.

Judas faz as "saudações de praxe". Fala de si mesmo de maneira humilde. Não faz prosopopéia, não se gloria do fato de ser um dos "irmãos do Senhor" (3). Também a realidade de ser "irmão de Tiago", a maior figura eclesiástica do Concílio da Igreja Cristã de Jerusalém, não é "explorada" por ele. Bastava uma singela e educada alusão ao "parentesco" (verso 1).

Além disso, apesar de sua preocupação com o perigo que rondava a Igreja, ele afirmou três convicções intocáveis que habitavam seu coração com relação aos "amados" aos quais ele está escrevendo: eles são chamados por Deus para servirem-no na História e gozarem-no na eternidade; são amados por Deus — e disso ele não duvida, pois vira a paixão alucinante que movera seu "irmão-Senhor" até a cruz em favor dos seres humanos, especialmente "os que o receberam"; são guardados em Jesus Cristo, aquele que oferece inquebráveis asas de galinha para os pintinhos que desejam abrigar-se à sua sombra [verso 1; Mt 23.37].

Como um bom-pastor escritor, Judas prepara o coração das suas ovelhas leitoras afirmando — independentemente do duro conteúdo que o seu livro possuiria — suas intenções e objetivos inquestionáveis em relação ao seu público-alvo: que a misericórdia, a paz e o amor se multiplicassem numa "dízima periódica" de virtudes nas vidas deles (verso 2). Depois dessa "introdução", o nosso pastor-escritor se põe como que a explicar a razão pela qual ele — reconhecidamente um homem de coração pastoral — teve que assumir ares tão proféticos nesse livro que estava sendo algo que não desejava. Em outras palavras Judas diz: "Desse meu livro poderia se dizer que foi escrito a contragosto, forçado por situações de emergência." (Versos 3 e 4.) É sempre de bom alvitre explicar aos leitores o "contexto", as condições que nos levam a produzir certas reflexões. Talvez essa seja então a "deixa" para eu mesmo explicar meus motivos quanto a escrever este pequeno comentário comparativo da nossa realidade eclesiástica com a realidade dos dias do "irmão do Senhor".

De fato, eu estava me preparando para escrever outras coisas quando me vi forçado a escrever este Síndrome de Lúcifer. Talvez seja porque minha mente reagiu de modo pastoral às notícias que tive a respeito de "certos indivíduos que se introduziram" em igrejas às quais estou especialmente ligado pelos laços de indissolúvel preocupação pastoral. Ou ainda, talvez seja pela triste visão que tenho de certos "apóstolos de vento" que andam por aí

pregando invenções teológicas que podem tanto prejudicar imensamente a saúde da Igreja no presente, quanto arruinar o seu futuro. É mais: talvez seja também porque a cada dia choca-nos a quantidade de líderes personalistas que aparecem comandando igrejas das quais se fazem proprietários; oportunistas que descobriram tanto o "marketing" do sucesso religioso, quanto a lucratividade que pode advir do desempenho da piedade; profetisas autônomas que de dentro de seus escuros apartamentos e casas, controlam, quais madrastas insaciáveis, a vida e o futuro dos seus discípulos neurotizados. Dessa forma estou denunciando uma eclesiologia nova que existe por aí, onde, acima de apóstolos, profetas, pastores e mestres, parece que estão constituídas autoridade espiritual certas profetisas autônomas e insubmissas às igrejas e a qualquer liderança; bem como líderes independentes e incapazes de se submeterem a quem quer que seja.

Capítulo 1

A SÍNDROME DE LÚCIFER PODE ACONTECER DENTRO DA IGREJA

Judas abre seu primeiro argumento no livro fazendo uma afirmação chocante: a maior ameaça à Igreja não vem de fora, vem de dentro dela. Literalmente, ele diz:

"Amados, quando empregava toda diligência, em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos." (Verso 3.)

Ele sabe que, conquanto a "fé tenha sido uma vez por todas entregue aos santos" é preciso lutar, batalhar e vigiar para que ela não seja solapada na sua base.

É assim que o maior perigo que enfrenta a Igreja vem da infiltração dos "agentes secretos". Ou seja, quando na comunidade do povo de Deus penetram, se infiltram certas pessoas cuja mente está inteiramente divorciada de qualquer profundo compromisso com Cristo.

E pior: muitas vezes tais pessoas assumem posição de influência, tornam-se arcanjos da comunidade, vestem-se de pastor, falam como teólogos, ensinam como mestres, insinuam-se profetas. Esses são os dissimuladores (verso 4). Dissimular é assemelhar-se no geral e se desassemelhar em coisas específicas. É aparentar acordo no superficial e um aparente pequeno desacordo no essencial.

Judas não era periférico e tampouco demasiadamente diplomático no que estava tentando dizer. Ele realmente parte para identificar as teologias que estão sendo desenvolvidas pelos dissimuladores, infiltradores da Síndrome de Lúcifer nas entranhas da Igreja. Estas teologias são a graça barata e o senhorio oco (verso 4b).

A GRAÇA BARATA

A graça de Deus sempre foi o tema teológico mais atacado pelo diabo.

No caso em questão estavam tentando "transformar em libertinagem a graça de nosso Deus" (verso 4).

O argumento que estava sendo desenvolvido era basicamente o seguinte: se a graça é um "favor imerecido", então, quanto menos mérito se tem, maior é o espaço para a graça de Deus se manifestar. Dessa forma o pecado passava a ser um aliado da graça de Deus, na medida em que quanto mais se peca mais Deus tem ocasião de mostrar-se gracioso. Esse é o pretexto do liberalismo comportamental. Além disso, essa perspectiva de barateamento da graça de Deus passa também pela idéia de que Deus é gracioso e sublime demais para ocupar-se com os banais deslizes humanos. Ou seja: a graça passa a ser vista numa dimensão tão superior que faz com que seu portador Absoluto, Deus, não possa baixar-se desse piso de elevação e generosidade sob pena de diminuir-se. E assim, usa-se a graça de Deus contra o próprio Deus. E mais, faz-se com que Deus seja escravo de sua graça e fique inflexivelmente contido por ela.*Desse modo, mais uma vez a graça de nosso Deus é "transformada em libertinagem", na medida em que é usada para explicar o alegado desinteresse de Deus pelas "pequenas realidades morais" dos seres humanos. O estranho dessa concepção é que ela atribui às ações do homem

uma importância inimaginável em todas as outras áreas de sua vida, menos na área moral. Nesta os atos humanos são vistos como pequenos demais para interessarem a Deus. É a graça conveniente. Evocada para justificar o pecado, não o pecador.

Um outro caminho para se "transformar a graça do nosso Deus em libertinagem" é através da via indireta do legalismo. O fim do legalismo é a sensualidade, a neurose ou a psicose sexual. Isso porque o legalismo concebe a vida santa como dependendo do homem e de seus recursos de auto-santificação. E assim prescinde da graça de Deus. No entanto, como ninguém consegue enfrentar q si mesmo apenas com suas próprias forças — isso porque mediante o auto-enfrentar-se trava-se uma espécie de guerra civil na psique humana — no final há a falência da moralidade autopatrocinada, e vem o pecado. Aliás, o legalismo já é pecado desde o princípio, pela sua pressuposição arrogante, quanto a conceber-se capaz de autofinanciar o sucesso moral. Ora, o legalismo começa independentemente da graça e termina em desgraça. O triste é que tudo isso é leito em nome da graça do nosso Deus. É por isso que o legalismo também "transforma em libertinagem a graça de nosso Deus".

Acerca disso há o exemplo triste do líder de uma denominação que se assumiu como pessoa legalista e que, quase no fim da vida, sucumbiu à sensualidade, caindo no adultério. O contraditório é que alguns dos homens acusados por ele de praticarem um cristianismo um tanto mais arejado, permanecem firmes na fé até hoje.

O SENHORIO OCO

No primeiro ardil, os "dissimuladores" pervertem a graça de Deus. No segundo ardil, eles esvaziam o conteúdo do senhorio de nosso "único Soberano e Senhor, Jesus Cristo" (verso 4b]. Isso acontece de mil maneiras explícitas. No entanto, esses "mestres lisos" não são explícitos, óbvios e claros. Eles representam perigo justamente porque são sutis, sub-reptícios e velados. Nem sempre negam o senhorio de Cristo com palavras. Na maioria das vezes negam-no com gestos, ações e obras. "No tocante a Deus professam conhecê-lo, entretanto o negam por suas obras." (Tt 1.16.) Em outras palavras, eles falam e cantam sobre o senhorio de Cristo, porém sua vida é uma verdadeira apostasia. É por isso que

o dissimulador é bem mais perigoso para a igreja do que o herege honesto, capaz de articular teologicamente suas idéias. Já o dissimulador é ortodoxo em termos de "confissão de fé", mas é heterodoxo na "prática". Eu pessoalmente prefiro mil vezes lidar com um "herege honesto" do que com um "ortodoxo" liso e hipócrita.

Há pessoas que retratam perfeitamente essa situação. Com a boca elas falam coisas lindas sobre Jesus. São poéticas e emotivas no que dizem e em como dizem.

O senhorio de Jesus é afirmado verbalmente por elas sem dificuldades. E mais: o discurso delas sobre a soberania de Jesus na História é mais amplo e belo do que o da maioria dos cristãos que conheço. Todavia, negam o Senhor por suas mentiras, seus adultérios, seus roubos e suas ações maquiavélicas.

Tais pessoas tornam-se perigosíssimas pois, de modo silencioso, ensinam o povo de Deus a desenvolver "uma ponte inconsciente" entre a verdade falada e a mentira vivida, racionalizando a "associação da iniquidade ao ajuntamento solene" (Is 1.13b).

A SÍNDROME DE LÚCIFER: DE ONDE VEM?

Como já dissemos, essa Síndrome de Lúcifer se traduz na incapacidade de aceitar os absolutos de Deus e o Deus Absoluto. Também já vimos que essa Síndrome se manifesta através da sutil presença do dissimulador, no meio do povo de Deus, como anjos de luz na Assembléia dos Santos: "Os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar; porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que seus próprios ministros se transformem em ministros de Justiça; e o fim deles será conforme suas obras." (2 Co 10.13-15.)

No momento, entretanto, vale perguntar: como nasce e em razão de quê esse conjunto de coisas espirituais se desencadeia? É claro que uma resposta exaustiva a essa questão toca na natureza mais essencial e filosófica da questão do bem e do mal. Justamente por isso não creio que BU tenha condições de articular

uma resposta satisfatória neste texto, pois, trata-se de um assunto que por si só já merece um livro. Vamos analisar as causas imediatas do surgimento da Síndrome de Lúcifer, sem qualquer preocupação com as questões de cunho mais filosófico relacionadas ao tema do bem e do mal.

Todavia é bom repetir que uma síndrome é um conjunto de fatores. Sintomas isolados não formam uma síndrome. Para que ela exista é necessário que haja a combinação das causas desencadeadoras e dos sintomas e sinais característicos. E mais: o diagnóstico da síndrome não pode ser feito com base em ocorrências isoladas. Ela só se deixa perceber através de uma atitude ampla do seu portador para com a vida. Em outras palavras a Síndrome de Lúcifer se manifesta mais através de um comportamento geral, avaliado em perspectiva social ampla, do que em razão de sintomas solitários. Além do que, vale lembrar, todos nós trazemos conosco causas que originam os sintomas que caracterizam a Síndrome de Lúcifer. No entanto, ser portador de sintomas isolados não significa ser portador da Síndrome. Apesar disso, é bom ficar alerta, pois é da associação das várias causas e sintomas que apresentamos a Síndrome. E como ela não é uma doença em si, especificamente falando, é quase impossível àquele que a experimenta saber que está possuído por ela. Mas vale lembrar, como veremos no final deste livro, que a Síndrome de Lúcifer tem cura nos seres humanos. Só não tem nos anjos.

Tendo em mente que a Síndrome só pode ser entendida avaliando-se o seu conjunto de causas e sintomas, leia o que será dito a seguir sem pânico e sem achar que causas isoladas podem gerar a Síndrome, mas saiba que a Síndrome surge como resultado da combinação das várias causas geradoras e dos sintomas característicos presentes na mesma pessoa ou comunidade.

A INCREDELIDADE QUE GERA SEDIÇÃO

A primeira fonte histórica objetiva de onde vem essa Síndrome de Lúcifer é a incredulidade amargurada que se crê no direito de promover a sedição.

O maior exemplo disso é que o "Senhor, tendo libertado um povo tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram" (verso 5).

O argumento de Judas baseia-se na narrativa de Números, no capítulo 14, dos versos 1 a 30. No exemplo em questão o que aconteceu foi que o povo de Israel não creu no "relatório dos espias". A partir daí desenvolveu-se uma amargura misturada com incredulidade que acabou por provocar a ira divina. Aliás, aquela atitude já se tornara crônica, a tal ponto que Deus disse: "Nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, e todavia me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à minha voz, nenhum deles verá a terra que sob juramento prometi a seus pais..." (Nm 14.22.) Assim é que muita gente vai-se tornando dissimuladora em função da amargura e da incredulidade, da incapacidade de crer nas promessas da Palavra de Deus. Quando isso acontece, para tais pessoas parece que todo discurso a respeito da provisão, da proteção e do poder de Deus não passa de um estúpido "triumfalismo suicida". Alguns conseguem articular esse estado interior a nível de queixa, de perguntas, de argumentos e de teologias. Quando é assim é menos ruim. Mas há aqueles que emudecem os seus pensamentos e simplesmente agem de maneira contrária à graça de Deus e ao Senhorio de Cristo como expressão de sua hostilidade para com Deus e suas palavras "tardias em cumprirem-se". Portanto, devemos saber que a amargura habita a base espiritual de todo (dissimulador. Somente a gratidão estimula alguém à obediência. Mas em contrapartida, toda ingratidão aprofunda a alma humana na hipocrisia, que é a máscara que esconde a "Síndrome de Lúcifer".

O ORGULHO QUE NÃO SE CINGE DE LIMITES

O segundo argumento de Judas acerca das causas psicológicas do surgimento do espírito de dissimulação vem da vivência dos anjos. Assim como há homens tomados pela "Síndrome de Lúcifer" também há anjos. Aliás, a "Síndrome de Lúcifer" brotou, metafisicamente, na dimensão dos anjos. Por isso alguns anjos ilustram muito bem esse estado de rebelião, amargura e insurreição contra os absolutos de Deus e o Deus Absoluto, pois "a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia" (verso 6).

A prova de que a conjugação das atitudes de Lúcifer virou Síndrome é que outros anjos foram posteriormente afetados pelo mesmo mal, que se traduziu na incapacidade de conservar o "estado original" e de manter "seu próprio domicílio", ou seja, incapacidade de limitar-se à sua "própria dimensão". Ora, essa Síndrome se manifesta em anjos e homens, segundo Judas. Aliás, ao ver dele, diante das últimas notícias, não havia dúvida de que a Síndrome estava presente em algumas pessoas na igreja.

Sempre que as pessoas se rebelam ostensiva e deliberadamente contra o "estado original" da vontade de Deus para a vida humana e sempre que elas resolvem abandonar os limites morais, psicológicos e espirituais que Deus lhes impõe, repete-se, a nível humano, a rebelião primeira: a de Lúcifer.

Somos desafiados por Deus a superarmos toda perspectiva de redução das nossas potencialidades humanas, mas não a superarmos a nossa condição humana em si, sob pena de nos desumanizarmos.

Quando alguém começa a questionar o "estado original" da vontade de Deus para a vida humana e os limites da vontade de Deus para o comportamento da pessoa humana, está a caminho de criar as condições favoráveis ao surgimento da Síndrome de Lúcifer.

O PRAZER QUE SE TORNA IMPUREZA

No primeiro caso, a atitude de ingratidão e amargura gera a incredulidade; no segundo, ela brota do orgulho e da incapacidade de aceitar os limites do "projeto original" do Criador. Mas nessa terceira fonte de onde, pela associação às anteriores, pode surgir a Síndrome, o problema está na patologia do prazer.

O prazer é bom. Mas sua má administração pode adoecê-lo, tornando o prazer imediato em antiprazer a médio e longo prazo.

Também, no primeiro caso, uma das causas da Síndrome atingiu indivíduos humanos — "os que não creram" (verso 5). No segundo caso, foram os anjos os contagiados pelo seu mal (verso 8).

Mas neste terceiro caso a Síndrome atinge sociedades como um todo, "como Sodoma e Gomorra e as cidades circunvizinhas que, havendo-se entregue à prostituição como àqueles (os anjos),

seguindo após outra carne, são postos para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição" (verso 7). Aliás, pela própria natureza do que seja uma síndrome — um conjunto de sintomas característicos expressos através de um padrão de comportamento gerado pelas mesmas causas originais — é bastante provável que ela encontre espaço para manifestar-se à vontade nos ajuntamentos coletivos. Digo isso porque os indivíduos portadores de fatores causais e sintomas isolados, e que portanto não são detedores da Síndrome como indivíduos, quando associados a outros que estejam atingidos por outras causas e sintomas, podem promover através da coletivização de suas causas e sintomas o surgimento da Síndrome a nível social e comunitário. Nesse caso é o psiquismo coletivo que está afetado pelo estado de coisas caracterizadoras da Síndrome de Lúcifer.

Sodoma e Gomorra foram comunidades humanas que deram caráter absoluto ao prazer!

Sempre que o prazer é absolutizado ele vira impureza e degradação na medida em que para realizá-lo, todos os outros absolutos são relativizados. É nesse ponto que aparece mais uma causa do surgimento da Síndrome de Lúcifer: o rompimento com os princípios absolutos de Deus para a realização do absoluto do prazer.

Portanto, vale ressaltar que qualquer teologia que enfatize mais o direito ao prazer que a liberdade para ser santo tem em si uma das causas da Síndrome de Lúcifer.

Os dissimuladores vêm daí dessa fonte também. Aliás, eles vêm das três fontes. É isso que Judas tenta dizer quando relaciona entre si essas três ilustrações — do povo incrédulo no deserto, dos anjos autônomos, das cidades do prazer — com a consequência do seu texto, que diz: "Ora, estes homens da mesma sorte..." (Verso. 8.) Em outras palavras, ele diz que aqueles, acerca dos quais estava falando, sofriam exatamente do mesmo mal.

A lição que fica é fortíssima: toda ingratidão que se torna crônica, todo orgulho que advoga autonomia e toda absolutização do prazer podem, quando associados um ao outro, gerar a Síndrome de Lúcifer.

Capítulo 2

OS SINTOMAS DA SÍNDROME

Desse momento em diante, após sabermos de que causas forma-se o conjunto de sintomas da Síndrome, é importante descobrir quais são os principais sintomas dela.

Judas prossegue, no seu texto dirigido à Igreja infiltrada pelos dissimuladores, dizendo como eles poderiam ser reconhecidos. Assim é que as descrições são fortes e precisas, não afastando, portanto, a chance de que se possa fazer um diagnóstico que, pelo menos, tenha bons pontos de referência.

Primeiro Sintoma:

O MISTICISMO PATOLÓGICO

"Sonhadores alucinados." (Verso 8.) Essa referência indica que os dissimuladores freqüentemente tentam apoiar e justificar suas discordâncias em relação às doutrinas essenciais da fé cristã — a graça que aceita o pecador e que o transforma; o senhorio absoluto de Cristo — bem como sua própria atitude de ingratidão, autonomia orgulhosa e libertinagem, dizendo que baseavam-se em "dados místicos", em revelações de Deus, em sonhos proféticos.

Freqüentemente vemos pessoas em conflito com a verdade da Bíblia em nome de "revelações espirituais". São pessoas que, não tendo base bíblica suficientemente forte para sustentar um argumento, apelam para o pretexto da "revelação divina" que receberam, fazendo assim silenciar questionamentos.

Quando as pessoas dão mais crédito aos sinais sobrenaturais do que aos princípios absolutos da Palavra de Deus, então os argumentos falsamente fundamentados em "sonhos inspirados" tornam-se mais fortes do que aquilo que a Bíblia diz.

Às vezes as revelações dos "dissimuladores" são de fato sobrenaturais, ou melhor, PARANORMAIS. Isto é, há pessoas dotadas de certos poderes especiais — ainda que não tenham vida e comunhão sadias com Deus — e que usam esses poderes como

argumento irresponsável, como agentes de corroboração das palavras que dizem. E o pior é que na maior partes das vezes o povo de Deus dá mais crédito aos prodígios do que àquilo que diz a Palavra de Deus. Quanto a isso, devo fazer aqui uma ressalva: eu creio em visões e revelações como uma possibilidade contemporânea. Creio nisso porque creio na liberdade de Deus de agir como quer, nos limites morais da sua revelação: a Bíblia. No entanto, creio que muito do que se diz ser "comunicação divina", não é.

As chamadas "revelações" podem vir de quatro fontes:

1. De Deus: quando se anda com ele e quando é vontade dele mostrar-se àquela pessoa através daquele meio. O meio não caracteriza nenhum tipo de intimidade especial da pessoa com Deus. O meio é só o meio. Afinal, Deus faz como lhe apraz. Ele é livre. Quando é vontade dele se comunicar através de um sonho, uma visão, uma profecia, ele é livre para fazê-lo. E ninguém deve se admirar disso.

2. Do diabo; isso acontece quando a pessoa não anda com Deus e não é nascida de novo. O espiritismo e as sessões espírita-evangélicas — reuniões onde há pessoas que buscam, e dizem conseguir "contacto" com seres extraterrenos e discos voadores — estão aí para provar como o diabo é sutil; e, se pode manifestar-se vestido de "anjo de luz", quanto mais de "extraterreno". Ninguém pode negar que tais pessoas tenham tido algum tipo de "contato sobrenatural". Só que a fonte é maligna.

3. Da mente: os seres humanos usam somente 10% do seu poder mental. A queda atingiu as percepções mentais. As condições originais de comunicação que os seres humanos possuíam — podiam se comunicar com a natureza como um todo — foram afetadas pelo pecado. No entanto, aqui e ali "afloram" algumas dessas possibilidades da mente em algumas pessoas. Tais pessoas têm a capacidade de "ler pensamentos". Quanto a isso, sei que alguns objetarão e se pudessem me diriam que somente Deus conhece o pensamento.

Existe até uma teologia evangélica de "fundo de quintal" que diz que, quando não se quer que o diabo saiba o que estamos orando devemos orar em silêncio. Todavia, a Bíblia não o diz, e por isso não é verdade.

Somente Deus esquadrinha o "interior", o coração humano. Mas esse esquadrinhar é mais profundo do que saber os pensamentos de uma pessoa. É mergulhar no que ela está pensando e no que habita o seu inconsciente mais profundo, onde nem a própria pessoa sabe chegar. Quando a Bíblia diz que somente Deus é onisciente, está dizendo que somente ele sabe tudo, sobre todos, sobre tudo, o tempo todo, q um só tempo. Só Deus pode isso. E só ele penetra no inconsciente mais profundo do homem, esquadrinhando-lhe a psique. Todavia quando o pensamento já está no cérebro, não passa de energia em código, vamos dizer, "eletrônico". E daqui a um tempo, ninguém se admire se a neuro-eletrônica desenvolver um computador capaz de "ler pensamentos", através de sensores hiper-sensíveis, capazes de decifrar os códigos de energia do pensamento. Ora, há pessoas com essa dotação, à qual chamei de "afloramento" de um potencial mental inerente à condição humana original, antes da queda.

Um parêntese. Não importa que o diabo possa saber ou não o que estou pensando. Aliás, ele não precisa nem "ler" o pensamento para saber, por exemplo, o que penso. Se eu fosse uma pessoa invisível, ultra-inteligente e um psicólogo milenar, não precisaria "ler" o pensamento de ninguém para saber o que estaria pensando. Bastava seguir-lhe as idéias e colher as respostas através de expressões, gestos e ações. No entanto, estou convencido de que nossos pensamentos, quando chegam ao cérebro, já são apenas sinais energéticos detectáveis até mesmo neuro-eletronicamente. E ainda que o diabo saiba o que penso, o que importa? Quem guarda meu "coração e mente" é Cristo Jesus, o Senhor (Fp 4.7). Mas, fechando o parêntese, vale lembrar que há pessoas nas quais "aflora" esse potencial mental de ler o pensamento quando este já está fixado no cérebro como uma idéia forte.

4. Da má fé: isso acontece quando algumas pessoas são induzidas a terem sempre revelações de Deus para entregar a outras. Isso é freqüente nos grupos onde algumas pessoas são tidas como permanentes portadoras da revelação de Deus e são "procuradas" com essa finalidade. A cobrança é tão grande que algumas delas se sentem na obrigação de dar sempre alguma revelação. Depois de certo tempo isso vira hábito. E saibam, é facilímo impressionar "profeticamente" um grupo, fazendo algumas afirmações gerais e comuns à problemática da maioria das pessoas. Em geral as pessoas mais simples e inexperientes não conseguem

perceber a dissimulação. Mas, quando já se tem experiência, nota-se claramente que aquela é uma "revelação encomendada".

Cremos em milagres! Cremos em sonhos inspirados! Cremos no sobrenatural!

No entanto, só cremos em milagres, sonhos e ações extraordinárias que estejam acompanhando a sã doutrina; ou seja, que estejam de acordo com a Palavra de Deus.

Mas não nos esqueçamos de que Judas diz que um dos sintomas da Síndrome de Lúcifer é o uso alucinado da mística. Ele diz que tais pessoas são "sonhadoras alucinadas". A idéia que ele dá é que seus "sonhos inspirados" eram manipulados para justificar ações que praticavam e que estavam em desacordo com a Palavra de Deus. Como já vimos anteriormente, há pessoas que têm certas "dotações mentais especiais" e que são capazes de oferecer forte base de evidências extraordinárias para justificar suas palavras e opiniões, muitas vezes divorciadas do todo da Escritura.

Conheço algumas pessoas que são capazes de dizer o que os outros estão pensando ou fizeram de manhã, em casa, no interior do banheiro, na mais profunda solidão. Tais indivíduos oferecem uma evidência tão grande de possuírem um "poder extraordinário", que faz com que a maioria das pessoas parem de questionar o que elas dizem na base do "Assim diz o Senhor", pelo fato de serem capazes de oferecer forte base de evidências extraordinárias para justificar suas palavras e opiniões, muitas vezes divorciadas do todo da Escritura.

Fico abismado como às vezes o "desnudamento" da situação de intimidade de alguém é profundo e real, mas o "conselho" dado na base do "Assim diz o Senhor" não confere com a Bíblia. O que pensar então? Que Deus deu só metade da revelação — a da ocorrência íntima — mas que na hora do conselho ele se retraiu e falou somente à pessoa humana? É claro que não! O Deus que mostra os fatos dá também o conselho, que sempre é de acordo com a sua Palavra.

Como conheço alguns desses "conselheiros" e sei que são crentes — talvez apenas pouco fundamentados na Bíblia — posso crer apenas que possuam aquela "dotação mental" sobre a qual já falei. Por isso, têm a capacidade de dizer o que outros estão pensando, mas nem sempre têm a capacidade de dar um conselho

profético que esteja em harmonia total com a Bíblia. E Deus sempre fala em harmonia com a sua Palavra. Mas a maioria das pessoas não pensa assim. O raciocínio delas funciona em sentido inverso ao que expus. Julgo se algo vem de Deus em função, da sua harmonia com a Bíblia. Mas muita gente pensa: "Se os fatos extraordinários aconteceram — como a revelação de minhas ações e pensamentos — então o conselho dado veio de Deus." E, dessa forma, vão engolindo palavras que foram precedidas de "revelações do íntimo"; mas que não coincidem com o que a Bíblia diz sobre a questão em pauta.

Nos dias de Judas era assim também. Baseadas em revelações divorciadas da palavra dos apóstolos e do ensino revelado nas Escrituras, pessoas estavam justificando seu procedimento leviano ou fraudulento, e iludindo o povo, sempre ansioso por novidades e incapaz de conferir se o que se diz confere com o que está escrito. Quando se adota essa atitude como hábito, está-se manifestando um dos sintomas da Síndrome de Lúcifer: o uso da iluminação para justificações próprias.

Segundo Sintoma

INCAPACIDADE DE ACEITAR QUALQUER GOVERNO

"...rejeitam governo" (verso 8).

Assim como os israelitas, os anjos autônomos e os sodomitas, que viravam afrontosamente as costas a Deus, os dissimuladores também rejeitavam submeter-se aos princípios absolutos do senhorio de Cristo. Daí eles usarem inclusive o argumento das "revelações especiais", via sonhos, para justificar a palavra deles. É verdade, entretanto, que toda atitude de rejeição do governo divino, implica, lambem, em repúdio por qualquer forma de autoridade civil ou eclesiástica. Cai-se na absolutização da anarquia. Dessa forma fica-se, a priori, contrário a qualquer norma ou lei. Esse estado de coisas é bastante comum na vida daqueles que seguem obstinadamente suas próprias idéias e desejos, e que exultam no seu saber autônomo, no seu próprio conhecimento.

Não estamos com isso advogando o mutismo conformista diante de certos abusos do poder na Igreja e no Estado. Ao

contrário, quem tem lido meus livros e me ouvido pregar sabe exatamente o que penso a esse respeito. Todavia qualquer ato de um cristão no sentido de enfrentar as autoridades eclesiásticas e o Estado, nunca é anárquico ou baseado em concepções pessoais. Nunca é uma orgia de liberdade. Também nunca é uma ação contra o princípio da autoridade, mas sim contra a autoridade que é usada para promover o medo, a humilhação, a desordem e o caos. Sendo assim, nem todo confronto com autoridades civis e eclesiásticas implica em confronto com a soberania de Deus, mas toda insubmissão ao senhorio de Deus implica em anarquia e rebeldia no plano civil e eclesial. 'Quem quebra o princípio primeiro de autoridade — a Deus — quebra todos os demais princípios secundários.

Portanto, quando você vir pessoas que revelam uma incapacidade patogênica de atender à autoridade — sem que tenham sido vítimas de alguma catástrofe psicológica, com a figura monstruosa de um pai superopressor — saiba que elas estão tomadas por um dos sintomas que no conjunto formam a Síndrome de Lúcifer.

Terceiro Sintoma:

"DIFAMAM AUTORIDADES SUPERIORES."

A diferença entre este sintoma e o anterior é dupla. A primeira diferença reside na atitude. No caso anterior eles rejeitam o governo (no grego "athqtein", rejeitar, desprezar deliberadamente). Neste caso eles difamam, ou seja, atribuem às autoridades o que elas não fizeram. [V. 8.)

A segunda diferença está no tipo de autoridade a qual se está aludindo. No sintoma anterior referíamos-nos ao governo de Deus e aos governos civis e eclesiásticos. Já agora a alusão sem dúvida é aos seres angelicais. Isso porque o versículo seguinte diz: "Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda." (Verso 9.)

Pode ser que Judas esteja-se referindo ao fato de que os dissimuladores do seu tempo estavam brincando com os poderes angelicais do mal. Nesse caso, Judas estaria dizendo que assim

como Miguel não difamou o príncipe do mal, embora fosse provocado por ele, assim também não se deve brincar ou desdenhar dos poderes angelicais do mal. Ou quem sabe existisse o argumento de que era ridículo alguém aceitar ou crer no poder espiritual do mal. Seja como for, havia uma atitude de insubordinação, desatenção, descrédito e brincadeira para com os principados espirituais, da mesma forma como há bastante em nosso meio hoje em dia. Todavia, esse sintoma constitutivo da Síndrome de Lúcifer, é notado pelo fato de que há pessoas que estão tomadas por um desrespeito generalizado para com qualquer ser ou entidade superior, não apenas com relação a anjos, mas também no que diz respeito a qualquer outro tipo ou referência de autoridade. A marca registrada dessa atitude esta na difamação, no prazer pela contenda, pela desmoralização e pelo descobrimento de faltas que são lançadas no rosto do infrator através da afronta. Há grupos inteiros de cristãos que parecem que estão sendo infiltrados por esse sentimento. São pessoas que não são capazes de chamar alguém de "pastor". Dizem que não são pastoreados por ninguém. Também só se referem às igrejas históricas e às denominações que obedecem o critério das hierarquias de autoridade eclesiástica como sendo as "babilônias". Dizem que toda estrutura ou instituição tem que ser desrespeitada. Foram para o outro extremo em relação àqueles que obedecem cegamente às ordens institucionais, como se sempre, automaticamente, elas procedessem do próprio Deus ou como se pelo próprio fato de existirem houvesse uma harmonia imediata delas com a Bíblia.

Judas prossegue dizendo que essa atitude de difamação da autoridade espiritual na maioria das vezes é assumida independentemente de qualquer entendimento lúcido da questão:

"Estes, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas coisas se corrompem." (Verso 10.)

Eles derramam abuso sobre as coisas que não entendem — que são as coisas do mundo espiritual.

Na realidade, Judas diz que tais pessoas entendem mesmo é da carne — do "instinto natural". Só que nem mesmo nas coisas

que eles entendem evitam a queda e a corrupção. Na realidade, o que se diz é que apesar da pretensa elevação espiritual que dizem possuir, não passam de "brutos sem razão". Pensam que detêm conhecimento espiritual elevado e especial, e que por causa desse conhecimento têm concessões espirituais para tratar com "intimidade" ou arrogância as forças espirituais ou as autoridades constituídas na Igreja.

A ironia desse verso 10 está no fato de que quando alguém alega ter conhecimento, realmente não passa de um grande ignorante; quando se julga superior ao homem de entendimento espiritual simples, está de fato chegando perto do nível dos animais. Quando uma pessoa é obstinadamente cega às realidades da Palavra de Deus, surda à voz de Deus mediante as Escrituras, e entende que o seu "conhecimento espiritual" é que é a referência para si próprio, chegará um momento em que se tornará incapaz de entender as verdadeiras realidades do Espírito de Deus; fica entregue aos instintos e paixões pelos quais optara quando de sua irrefreável busca de "liberdade". Não precisamos nem dizer com detalhes que esses instintos, quando são livres de qualquer juízo da razão, tornam-se imbativelmente fortes. Tornam-se implacáveis.

Volto a repetir que isso pode acontecer sem "ateísmo". Ao contrário, tudo isso pode ser vivido num clima de muita "espiritualidade" e "mística".

Quarto Sintoma:

SÃO HABITADOS POR UMA INSATISFAÇÃO DESTRUTIVA.

"Os tais são murmuradores e descontentes." [Verso 16.)

Nesse ponto Judas recorre a uma ilustração do dia-a-dia. Ele usa a figura de uma personalidade grega popular — um tipo semelhante àquela hiena do desenho animado, que reclama de tudo, dizendo: "Oh dia, oh mês, oh ano, oh azar." — chamada de MEMPSIMOIROIS, ou seja, descontentes.

Nunca a murmuração e o descontentamento crônicos podem ser entendidos como conciliáveis com uma vida ligada a Deus.

Aliás, Deus abomina a murmuração e o descontentamento, porque traduzem em palavras uma atitude de profundo descontentamento com as dádivas divinas, abundantes na criação.

Isso porque, por mais que a vida fique difícil, as expressões da bondade divina são sempre maiores do que as de qualquer tragédia. Além do mais, mesmo quando a vida se veste de luto, o ser humano que anda com Deus deposita, descansadamente, nas mãos de Deus o absurdo que não compreende e o maltrata. Mas aquele que não tem vínculos com Deus transforma logo toda aflição, desconforto, privação e aperto em murmuração e descontentamento.

E mais: tais pessoas, mesmo quando têm tudo o que é básico à vida, ainda estão insatisfeitas e revoltadas.

Essas pessoas não gostam de nada que têm e desejam tudo o que não têm, para tão somente deixar de gostar do que desejavam logo que passem a possuí-lo.

São criaturas humanas que de noite desejam que seja dia, de dia gostariam que já fosse noite. No inverno anelam pelo calor do verão e no verão resmungam do calor e ambicionam a chegada do inverno. No trabalho queixam-se da distância das férias e durante as férias chamam-na tediosa e almejam pelo trabalho.

Nada nem ninguém consegue alegrar e satisfazer pessoas desse tipo.

Agora imagine o que acontece quando pessoas assim entram na igreja e ocupam cargos e funções de relevância, ou quando conseguem impressionar a mente de muitos cristãos. O que daí advém é o caos.

Infelizmente devemos dizer que há milhares de "cristãos" manifestando esse sintoma da Síndrome de Lúcifer.

Em geral, essa atitude de "murmuração e descontentamento" não se volta apenas contra Deus na forma da queixa e da insatisfação em relação à vida que Ele lhes concedeu, mas estende-se também contra os líderes da Igreja como expressão de um descontentamento crônico em relação a tudo que eles porventura façam ou deixem de fazer.

Não é bom ser acrítico e passivo em relação a todas as decisões que os líderes da Igreja tomam. É necessário que se tenha

um positivo senso crítico e também coragem educada para se dizer a eles o que se pensa. No entanto, entre essa disposição por nós advogada e a atitude de "murmuração e descontentamento", há uma distância estelar.

Por isso vale advertir aos cristãos no sentido de que vigiem para ver se já estão ou não possuídos por essa atitude essencial de insatisfação. Eu, pessoalmente, conheço muita gente que sofre desse sintoma da Síndrome. E o terrível é que algumas dessas pessoas estão em posição de liderança, fazendo com que o povo de Deus aprenda essa atitude pecaminosa de um mau humor essencial para com Deus e os homens.

Portanto, preste atenção: quando você vir indivíduos para os quais só existem coisas ruins e que sempre que falam das pessoas ou da Igreja fazem-no com amargura, descontentamento e insatisfação, fique alerta e à distância. E mais: a maioria dos especialistas em divisões de igrejas são pessoas viciadas na insatisfação.

Quinto Sintoma:

SUAS PALAVRAS PROMOVEM A ELES MESMOS

"A sua boca vive propalando grandes arrogâncias"
(verso 16b).

E nesse sentido há muitas maneiras sutis de os dissimuladores propalarem grandes arrogâncias sem perderem a imagem espiritual de "humildade" e "santificação".

Judas diz que tais pessoas são veementes, barulhentas, ousadas e plenas de histórias impressionantes sobre elas mesmas. Aliás, sempre que elas se introduzem numa reunião cristã é através do alardeamento que fazem de suas "experiências espirituais".

É por isso que eu disse que é muito fácil propalar grandes coisas sobre si mesmo sem perder o status da espiritualidade.

Se no tempo de Judas já era assim, imagine então hoje em dia!

Espanta-me ver como a maioria dos cristãos é capaz de se impressionar por esses propaladores de grandes coisas. Judas diz que eles são arrogantes, porque sempre que se exaltam, fazem isso na perspectiva de se colocarem como os mais experientes do grupo, ou como aqueles com os quais Deus fala mais diretamente. Por isso é que eu digo a você:

— Cuidado com pessoas de espiritualidade bombástica!

— Cuidado com pessoas que fazem muito barulho em relação aos seus "dons pessoais"!

— Cuidado com pessoas que se colocam como referência de espiritualidade e que fazem de suas "experiências" histórias de autopromoção!

Por trás de toda espiritualidade autodivulgada há "motivos interesseiros" (verso 16). Ou estão querendo receber demasiado crédito espiritual para então poderem manipular a vida dos incautos; ou desejam ser colocados como únicos e legítimos líderes do grupo de cristãos imaturos; ou querem minar a autoridade dos pastores do grupo, fazendo com que eles se tornem inexperientes aos olhos do grupo ante tão tremendas experiências divulgadas pelos de espiritualidade bombástica; ou desejam um rebanho para pastorear sem ter tido o trabalho de levar ninguém à fé; ou pretendem ser os beneficiários da gratidão financeira desses "cristãos impressionados" que agora — depois de cativados — tornam-se mantenedores desses faladores enfatuados.

Nesse ponto vale acrescentar um texto de Karl Barth, sobre o falso profeta, transcrito do Informativo Liderança Cristã, publicado pela Visão Mundial:

"O falso profeta é o pastor que agrada a todo mundo. Seu dever é dar testemunho de Deus, mas ele não vê a Deus e prefere não o ver porque vê muitas outras coisas. Segue seus pensamentos humanos, conserva-se interiormente calmo e seguro, evita habilmente tudo quanto incomoda. Não espera senão poucas coisas ou mesmo nada da parte de Deus. Pode calar-se, mesmo quando vê homens atravancando seus caminhos de pensamento, de opiniões, de cálculos e de sonhos falsos, porque eles querem viver sem Deus. Retira-se sempre quando devia avançar. Compraz-se em ser chamado pregador do evangelho, condutor espiritual e servidor de Deus, mas só serve aos homens. Sonha, às vezes, que

fala em nome de Deus, mas não fala a não ser em nome da Igreja, da opinião pública, das pessoas respeitáveis e da sua pequena pessoa. Ele sabe que desde agora e para sempre os caminhos que não começam em Deus não são caminhos verdadeiros, mas não quer incomodar nem a si mesmos, nem aos outros; por isso é que pensa e diz: 'Continuemos prudentemente e sempre alegres em nossos caminhos atuais; as coisas se arranjarão.' Ele sabe que Deus quer tirar os homens da impiedade e que a luta espiritual deve ser travada. No entanto, prega a 'paz', a paz entre Deus e o mundo perdido que está em nós e fora de nós. Como se tal paz existisse! Sabe que seu dever consiste em proclamar que Deus cria uma nova vontade, uma nova vida; mas não, ele deixa reinar o espírito do medo, do engano, de Mamom, da violência — a muralha construída pelo povo (Ez 13.10), o muro oscilante e manchado. Ele o disfarça pintando de cores suaves e consoladoras da religião para o contentamento de todo o mundo. Eis aí o falso profeta."

Deixe que eu lhe diga mais uma coisa bem clara: sempre que você vir pessoas possuídas por uma espiritualidade exibicionista, tome cuidado. Jesus, nossa suprema referência de espiritualidade, curava, libertava e realizava prodígios com extrema discrição (Mt 12.19; Mc 3.12).

E quando o povo ficava sabendo de seus poderes espirituais isso acontecia em função de fatos, ou seja, de pessoas que tinham sido realmente beneficiadas por ele (Mc 7.36). Os fatos falavam sempre mais alto na vida de Jesus. Não o vemos reunindo grupos de pessoas na casa de Pedro para falar das curas que realizara em outra cidade.

Não. Ele não falava do que já havia feito. Ele simplesmente fazia (Jo 10.25). Quem fala que faz geralmente não faz. Quem faz, faz. Não fala que fez.

E mais: mesmo que tais pessoas vivam dizendo que estão contando essas histórias para "a glória do Senhor", ainda assim a atitude delas não deixa de ser arrogante, pois, no final, de fato quem recebe os louvores por possuir uma extraordinária espiritualidade são elas mesmas. Nesse caso a glória de Deus é apenas um pretexto para veicularem a sua própria glória. E não raramente há também muita mentira nas histórias desses manifestadores dessa espiritualidade indiscreta e presunçosa.

Recordo-me de um homem considerado muito espiritual, que foi convidado a ir a uma certa igreja e aceitou o convite sem o consentimento do pastor da comunidade local. Ficou visitando as casas dos irmãos e falando em reuniões caseiras. Num dos dias, um empresário que freqüentava esses encontros disse a esse líder que estava vivendo uma situação financeira difícil nos seus negócios. No dia seguinte o chofer desse irmão empresário quase falido ficou à disposição do líder espiritual para que o levasse a conhecer a cidade. Lá pelas tantas ele pediu ao chofer que o levasse em frente ao prédio onde estava o escritório daquele empresário. E ele ficou ali durante um tempo examinando e fazendo perguntas ao chofer, parado na esquina, sem que ninguém mais o visse.

À noite, ele encontrou o irmão empresário e lhe disse ter tido a visão de um prédio (e descreveu o prédio que ele vira pela manhã) e afirmou que o imóvel estava localizado entre as ruas tal e tal e que, na sua visão, ele vira materiais à venda dos tipos tais e tais, e que o Senhor lhe falara que estava dando prosperidade àquele irmão. Ah! não preciso dizer que aquele empresário ficou nas "nuvens" até o dia em que comentou a "bênção" com seu chofer e ouviu dele a verdadeira história, a que dizia que a visão fora objetiva e não subjetiva, fora geográfica e não espiritual, fora patrocinada pelo chofer e não por Deus. O empresário faliu!

Alguém diria que estou sendo cético. Contradigo, dizendo um veemente não. Creio em visões, sonhos e em percepções reais da voz de Deus. No entanto, muito do que vejo e ouço por aí não passa de invencionice de pessoas que vivem uma espiritualidade auto-exaltada e divorciada da saúde bíblica. Minha intenção ao denunciar esse tipo de espiritualidade arrogante e, por vezes falsa, é resgatar o verdadeiro valor da espiritualidade cristã.

Capítulo 3

A TRÁGICA HISTÓRIA DOS DISSIMULADORES

Nossa tendência no século XX é pensar que as coisas relacionadas à Igreja, a Deus e ao homem — especialmente o charlatanismo espiritual do tipo descrito por mim na história do

empresário e do falso vidente — não têm maiores conseqüências na vida. Judas, no entanto, pensava diferente!

Para ele as coisas da Igreja — sua noção de igreja era diferente da nossa, pois quando pensamos em igreja pensamos na denominação e no "clero" que a representa — eram consideradas de modo seriíssimo por Deus. Especialmente porque toda "mentira espiritual" é duplamente maligna. Primeiramente por ser mentira e também por ser dita em nome de Deus. Mesmo as nossas muitas mentiras para a glória de Deus são abomináveis. Mentiras para a glória de Deus são essas nas quais se diz que houve cura quando não houve, ou que houve um "milagre total" quando houve apenas uma "passageira melhora". Só que muitos dos que ouviram a notícia do "milagre total" não ouvem a notícia — quando ela é dada, pois geralmente não é — de que tinha havido apenas uma "leve melhora". Mente-se muito em nome de Deus!

Usa-se também muito a "unção" para se exercer algum tipo de autoridade que redunde em benefício próprio.

Mas, assim como no passado Deus demonstrou que aborrece o misticismo falso, a incredulidade, a murmuração, a arrogância e a mentira, hoje, também, ele continua a afirmar a mesma coisa.

É por essa razão que Judas, quando pretende mostrar quais as conseqüências históricas de se viver como dissimulador, vivendo a Síndrome de Lúcifer, cita exemplos do passado.

Com isso ele está dizendo: "Cuidado, Deus não mudou. O que ele pensava ontem, ele pensa hoje. Não brinquemos com a sua santidade."

E não somente isso. Judas diz: "Ai deles!" (Verso 11.)

Isso deveria nos fazer olhar com extrema atenção para aqueles que transformam em libertinagem a graça de Deus e que negam, na prática, o senhorio de Cristo em sua vida; tendo se transformado em dissimuladores por causa da incredulidade na qual vivem, pelo orgulho que os faz auto-suficientes e pela obsessão do prazer que os tira do compromisso com a Bíblia. É, devemos estar atentos àqueles que vivem "misticismos alucinantes"; que usam de pretextos espirituais para eles mesmos subirem no conceito dos outros; que são insatisfeitos e amargurados; e que se autopromovem com o fim de tirarem proveito de sua "elevação" espiritual aos olhos dos crentes.

É preciso discerni-los para não imitá-los, pois o fim deles é trágico: "Ai deles!"

Sabemos que é trágica a vida deles. Mas, vale tentar discernir mais detalhadamente como é a trajetória deles na História.

DISCÍPULOS DE CAIM

Judas diz que a vivência da Síndrome acaba conduzindo a pessoa pela mesma estrada existencial, moral, emocional, psicológica e espiritual de Caim:

"Proseguiram pelo caminho de Caim" (verso 11).

De acordo com a narrativa do Gênesis, a caminhada de Caim foi definida por quatro marcas iniludíveis.

1. Ele foi uma pessoa que deu mais valor às ofertas espirituais aparentes do que à essência que habita o fundo do ser e aparece na existência mediante uma vida bonita.

"Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao Senhor. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou." (Gn 4.3-5a.)

O que a Bíblia diz é que Deus se agradou primeiro da pessoa e depois da oferta. Da mesma sorte ele se desagradou primeiro da pessoa e como consequência da oferta. A oferta em si não tem e nunca teve nenhum sentido espiritual, se divorciada da boa motivação e da conduta daquele que a faz. Caim talvez pensasse que Deus estava mais preocupado com a oferta do que com a pessoa. É possível que essa tenha sido a diferença mais essencial entre os dois irmãos. A prova do que estamos dizendo está no fato de que Deus chamou a atenção de Caim para a coerência da vida e não para a aparência da oferta:

"Se procederei bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo." (Gn 4.7.)

O problema não estava na oferta, mas na vida, nas obras, que não eram justas.

O procedimento de Caim não era bom!

Como se pode prestar um culto agradável a Deus quando o procedimento não é bom?

2. Ele foi uma pessoa que se encheu de inveja amargurada quando viu a graça de Deus agindo na vida de seu irmão.

Quando Caim viu a graça de Deus permeando a existência de Abel, ele odiou a Abel e a Deus. Quem odeia um irmão cheio de graça odeia também o "Deus de toda a graça", pois quem não gosta de ver alguém ser abençoado, desagrada-se, por inferência, com o Deus que está abençoando.

Por isso é preciso tomar muito cuidado com toda inveja amargurada, especialmente aquela que existe em função de se constatar a graça de Deus na vida de alguém, pois, sem que percebamos, quando nutrimos inveja amargurada, estamos manifestando imenso desagrado para com o Deus da graça. Nem todos os que vêem a graça de Deus em ação mostram a mesma reação de Barnabé, "que tendo visto a graça de Deus, alegrou-se, e exortava a todos que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor. Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé" (At 11.23, 24a).

Caim era diferente de Barnabé. Por isso, quando ele viu a graça de Deus operando em Abel, seu coração se encheu de ódio. A Bíblia não diz que era ódio contra Abel. Era ódio contra os cúmplices: Deus e Abel (Gn 4.5).

Deus ainda tentou barrar o caminho de inveja amargurada de Caim questionando-o: "Por que andas irado? e por que descaiu o teu semblante?" (Gn 4.6.)

Caim já havia assassinado Abel no coração. O homicídio histórico era questão de tempo.

3. Ele foi uma pessoa que transformou a mente num canto escuro onde o homicídio aconteceria sem testemunhas.

"Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo. Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou." (Gn 4.8.)

O tremendo nesse episódio é o fato de que o apóstolo João associa o homicídio praticado por Caim com todo sentimento de ódio que uma pessoa dirige a outra: "Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si." (1 Jo 3.15.)

Na mente de João o que aconteceu com Caim não era impossível de se repetir na Igreja. Daí ele tomar cuidado para que não se praticasse o homicídio emocional, "seguindo-se pelo caminho de Caim" (verso 11).

4. Ele foi uma pessoa que alegou irresponsabilidade para com o destino de seu irmão:

"Disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: Não sei, acaso sou eu tutor de meu irmão?" (Gn 4.9.)

A última expressão do ódio é a indiferença. Por isso é que Jesus diz que o critério último mediante o qual as pessoas serão julgadas, é o da solidariedade, que é o oposto à omissão homicida e fria (Mt 25.31-46). João também, no mesmo capítulo que fala de Caim, de suas obras más, do ódio que ele desenvolveu e do homicídio que praticou, passa a falar da indiferença para com a situação dos irmãos: "Ora, aquele que possuir recursos deste

mundo e vir a seu irmão padecer necessidade e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?" (1 Jo 3.17.)

Em outras palavras, João diz que o ódio pode se transformar em indiferença que nos faz perguntar: "Acaso sou eu tutor de meu irmão?"

Voltemos a Judas. Ele diz que a primeira realidade que acometera a vida dos que se deixaram possuir pelo conjunto de causas e sintomas que caracterizam a Síndrome de Lúcifer é que eles se tornaram discípulos de Caim, ou seja, pessoas que dão mais valor às ofertas aparentes do que à essência que habita o fundo do ser e aparece na existência mediante uma vida bonita. Essa realidade é a que se enche de uma inveja amargurada quando vê a graça de Deus agindo na vida de um irmão; que pratica o homicídio emocional, transformando a mente num canto escuro onde o homicídio acontece sem testemunhas; que alega com fria irresponsabilidade nada ter com o destino de seus irmãos.

"Eles prosseguiram pelo caminho de Caim."

DISCÍPULOS DE BALAÃO

Judas descreve mais um retrato acerca de como é a trajetória do portador da Síndrome de Lúcifer, dizendo que muitos deles podiam se identificar perfeitamente com o personagem bíblico Balaão:

"Movidos de ganância, se precipitaram no erro de Balaão." (Verso 11.)

Balaão foi um homem possuidor de um tremendo e inegável carisma (Nm 22.6). Tamanho era o poder espiritual que ele exercia que se cria que ele podia lançar maldição sobre toda uma sociedade (Nm 22.5). Também a Bíblia não deixa dúvida de que Balaão era alguém que tinha "contatos" diretos com Deus (Nm 22.9,20; 23.5, 16; 24.2). Todavia, diz-se dele algumas coisas que revelam, no mínimo, que não tinha uma fé tão sadia; pelo contrário, sua fé parecia ser significativamente sincretizada: ele praticava encantamentos e agouros (Nm 22.7; 24.1). Mas, levando-se em consideração que Balaão não era hebreu e que vivera até então

longe de qualquer contato com o povo de Israel, esses sincretismos são compreensíveis. Balaão morava na Mesopotâmia, "junto ao rio Eufrates" (Nm 22.5).

Qual foi então o "erro de Balaão"?

Quando Israel chegou às campinas de Moabe, além do Jordão, na frente de Jericó, o rei dos moabitas, Balaque, encheu-se de pavor. A visão que Balaque tinha de cima das colinas era aterradora. Ele olhava do alto dos montes e via uma multidão inumerável instalada na campina. Por isso ele convocou um conselho de Estado e disse: "Agora lamberá esta multidão tudo quanto houver ao redor de nós, como o boi lambe a erva do campo." (Nm 22.4.)

Foi aí que ele teve a "idéia iluminada" de mandar chamar o poderoso Balaão para amaldiçoar o povo de Israel. Foi reunida uma comitiva interestadual, formada por homens ilustres dos moabitas e dos midianitas. Eles foram a Balaão.

A tentação de Balaão começou logo na chegada da comitiva do governo. Eles traziam consigo "o preço dos encantamentos" (Nm 22.7). Balaão certamente sentiu o coração bater mais rápido. Havia algo nele que simpatizava profundamente com a idéia de ser remunerado a peso de "jetons" por serviços espirituais prestados ao governo de Balaque. De fato eu não quero dizer que talvez Balaão tenha se sentido assim. Eu quero de fato dizer que foi assim que ele se sentiu: ficou excitado com a possibilidade de receber gordas recompensas financeiras pelo devido exercício de seus carismas a favor do combalido governo dos moabitas. Por que digo o que digo de modo tão convicto? Veja:

1. Porque Judas diz que os dissimuladores dos seus dias estavam caindo no mesmo erro de Balaão: eles estavam "tomados de ganância".

2. Porque Pedro, aludindo a Balaão, diz que ele "amou o prêmio da injustiça" (2 Pe 2.15). E qual era o prêmio da injustiça? Era a recompensa que ele receberia por amaldiçoar Israel [Nm 22.7,17; 25.11).

3. Porque o próprio Balaão revelou estar seduzido pela oferta de Balaque ainda que tenha dito, com ar de honestidade, que mesmo que o rei lhe desse a sua casa cheia de ouro e prata, ele não poderia ultrapassar o mandato de Deus, que era para não

amaldiçoar o povo (Nm 22.18). Como é que se pode saber que Balaão era seduzido pela oferta? Ora, porque se ele não tivesse ficado tocado pela primeira oferta, que ele conseguiu rejeitar, e pela segunda oferta que trazia consigo a promessa de honras incomparáveis e de um poder enorme como "assessor espiritual" do rei (Nm 22.17) não teria dito, pela segunda vez, e em relação ao mesmo assunto — acerca do qual Deus já dissera cabalmente qual era sua Palavra — que a comitiva de Balaque ficasse com ele mais uma noite para ver se Deus tinha mudado de idéia, ou seja, para que ele (Balaão) soubesse "o que mais" o Senhor lhe diria (Nm 22.19).

A mesma Síndrome de Lúcifer que acometeu a Adão e Eva estava agora acometendo Balaão: ele estava relativizando a Palavra absoluta de Deus. Estava fazendo isso através de uma perspectiva carismática enferma: aquela que julga que o que Deus já disse pode ser de alguma maneira alterado por uma "nova revelação" no dia seguinte.

Eva acrescentou à Palavra de Deus o que Deus não dissera ("nem tocareis nela" — a árvore).

Balaão não estava acrescentando uma palavra à Palavra de Deus, mas estava supondo que, quem sabe a Palavra de Deus não fosse tão absoluta assim? Quem sabe a Palavra de Deus pudesse variar um pouco de um dia para outro? Quem sabe uma nova revelação resolvesse o problema?

Aqui vale fazer uma digressão para mostrarmos quais os passos lisos que em geral uma pessoa dá quando deseja manipular a graça e os dons de Deus a seu favor.

1. Começa a duvidar do que é óbvio na palavra de Deus. Balaão pediu para a comitiva de Balaque passar a noite com ele para ele saber se Deus era um Deus de maldições (Nm 22.8). Era óbvio que ele sabia que se Deus não se vende para abençoar, quanto mais para amaldiçoar.

2. Começa a achar que os mandamentos de Deus são uma chata imposição! Balaão diz um tanto penalizado que "não poderia

ultrapassar o mandato do Senhor para fazer coisa pequena ou grande" (Nm 22.18).

A sua noção de obediência a Deus era compulsória. Parece que quem traduziu bem o tipo de obediência que Balaão prestava a Deus foi o rei Balaque: "Agora pois, vai-te embora para tua casa; eu dissera que te cumularia de honras; mas eis que o Senhor te privou delas." (Nm 24.11.) No entanto, isso fica mais claro ainda através de palavras que saíram da própria boca de Balaão, aos príncipes de Balaque, após Deus lhe haver dito a primeira vez para não ir amaldiçoar o povo: "Tornai à vossa terra, porque o senhor recusa deixar-me ir convosco." (Nm 22.13.) Em outras palavras "se Deus não estivesse-me impedindo eu iria". Tratava-se de uma mística sem ética. Era um misticismo inescrupuloso, que poderia ser usado para o "sucesso" financeiro do profeta.

3. Começa a crer que Deus pode fazer concessões a seu favor, mesmo que seja contrariando o que ele anteriormente já dissera: "Rogo-vos que... aqui fiquéis... para que eu saiba o que mais o Senhor me dirá." (Nm 22.19.)

Note que além de crer que a revelação poderia ser alterada, ele também cria que Deus faria concessões especiais a ele. É por isso que ele diz que irá saber especificamente o que Deus lhe diria, ou, conforme o texto, "me dirá". Isso acontece quando as pessoas confundem intimidade com Deus com relatividade de Deus. Ora, eu posso desfrutar de maior intimidade com Deus, posso ser seu amigo, como foi Abraão, mas isso não relativizará o que Deus já disse e não fará com que ele mude de idéia sobre algo, só para abrir uma concessão a fim de que eu satisfaça um caprichozinho pessoal.

4. Começa a deixar de dar atenção à Palavra de Deus. Veja como a leitura ou a audiência da Palavra de Deus tem que ser atenciosa. Balaão foi pedir a Deus a segunda licença para ir com a comitiva de Balaque. Afinal ele cria que Deus poderia lhe falar mais alguma coisa.

Veio a Palavra de Deus ao profeta e lhe disse: "Se aqueles homens vierem chamar-te, levanta-te, vai com eles; todavia, farás somente o que eu te mandar." (Nm 22.20.) Mas Balaão, na pressa

de ir satisfazer seu desejo, agiu como se Deus tivesse dito: "Aqueles homens vieram chamar-te, levanta-te, vai com eles..."

Essa ocorrência mostra como a nossa predisposição pode fazer com que se "leia" a Palavra de Deus a nosso favor. Mostra também como quando se crê que Deus pode mudar de idéia para nos favorecer, tal pressuposto altera toda a nossa compreensão da Palavra de Deus. Lemos a Bíblia mais subjetiva que objetivamente. Lemo-la mais a partir de nossas pré-tendências e pré-compreensões, do que com nossa real e objetiva compreensão. E ainda: quem quer achar na Palavra de Deus justificativa para seus pecados, desejos e intenções, achará sempre. Ainda que seja para as coisas mais loucas e estapafúrdias. Isso porque lemos muito a Bíblia com os óculos dos nossos desejos pessoais, que, em geral, distorcem nossa percepção da real Palavra de Deus.

É preciso pedir a Deus um coração mais livre, leve e neutro possível a fim de que retenhamos ao máximo a Palavra de Deus.

É somente à luz dessa explicação que eu acabei de dar sobre a distração premeditada de Balaão em relação à Palavra de Deus, que se pode entender a extrema afirmação da ira divina que aconteceu em função do fato de o profeta ter seguido viagem com a comitiva de Balaque (Nm 22.21,22).

Quando alguém sai obstinadamente da vontade de Deus — ainda que justifique esse fato com uma "nova revelação" — o que lhe acontece como conseqüência é o seguinte:

1. Provoca a ira de Deus (Nm 22.22).
2. Fica com menos percepção dos caminhos de Deus que um animal (Nm 22.23-27; Sl 32.9; Sl 73.22; 2 Pe 2.16). Veja como Judas os chama de "brutos sem razão" (verso 10).
3. Torna-se ridículo (Nm 22.28-30). Balaão dialogou com a jumenta. O homem que não dialogou obedientemente com Deus passou a dialogar com os animais. E pior: a jumenta o questionou (22.28); Balaão discutiu com a jumenta (22.29); e a jumenta venceu o profeta na argumentação (22.30).

No dizer de Pedro a jumenta "refreou a insensatez do profeta". Que situação irônica: a jumenta que em geral é tida como estúpida — animal que quando empaca ninguém tira do lugar — passa a ser mais sábia que um homem, mais lúcida que um

profeta desobediente. Ao invés de Balaão refrear a jumenta, é ela que refreia a insensatez de Balaão. Naquele momento, psicologicamente falando, Balaão era a jumenta e a jumenta era o profeta. Era a jumenta que tinha as rédeas nas "mãos".

Que terrível ilustração de como a desobediência a Deus pode tornar um "homem espiritual" num ser ridículo e estúpido.

Quem relativiza a revelação de Deus, relativiza também a ética divina. Por isso há mais a ser dito sobre Balaão. Ele não somente era avarento e ganancioso, capaz de tentar usar a unção por "motivos interesseiros". Ele também era capaz de "transformar em libertinagem a graça de nosso Deus". Quando Balaão não conseguiu amaldiçoar o povo de Deus, resolveu ir conhecer aquele povo mais de perto. De fato ele ficara impressionado com a fidelidade e com a generosíssima graça de Deus dirigida àquela gente. É bem provável que ele tenha contado em alto e bom som no acampamento de Israel o que tinha acontecido no alto das colinas de Moabe nos dias anteriores. Em outras palavras ele dizia:

"Oh gente! O Santo de vocês é forte. Ele está com vocês e não abre. Contra vocês não há encantamento, nem mau olhado, nem agouro, nem macumba que funcione. Vocês têm uma posição sem igual diante dele. A graça dele é eficaz e irreversível sobre vocês. Eu não conheço nenhum povo que tenha obtido tanta graça diante de Deus."

O que Balaão fez foi baratear a perspectiva da graça de Deus diante do povo. Ele pregou uma graça inconstante, irresponsável e promíscua. Uma graça que não transforma o pecador, que não o chama a viver em santidade grata. O que o profeta passou para o povo é que nada poderia quebrar o relacionamento deles com Deus. Poderiam até pecar que nada lhes aconteceria. Foi assim que ele os levou ao erro, à imoralidade e à idolatria. De fato a Bíblia imputa a Balaão tremenda consciência em relação ao que estava fazendo. E diz que as mulheres "por conselho de Balaão fizeram prevaricar os filhos de Israel" (Nm 31.16).

Balaão é, portanto, o retrato da pessoa que manipula o carisma para fins pessoais e que, relativizando a Palavra de Deus, acaba vivendo uma mística sem ética, onde a graça de Deus aparece não como graça que justifica e transforma o pecador, mas como graça que justifica o pecado e o acalenta.

Balaão é o exemplo do líder espiritual ganancioso e liberal. E mais: a trágica história desse "profeta" mais uma vez nos ensina que quem desenvolve uma teologia sem os princípios absolutos da Palavra de Deus, acaba relativizando o seu próprio comportamento. Em outras palavras: quem acha que o que Deus falou pode ser mudado acabará fazendo com que esse conceito de mutabilidade da vontade de Deus atinja a ética. A teologia liberal de Balaão o levou a uma ética liberal.

Quem pensa que Deus muda de idéia não tem dificuldade em pensar que no âmbito das questões morais Deus também faz concessões.

DISCÍPULOS DE CORE

Agora Judas põe desfecho no trágico quadro que ele vem pintando. Ele disse que os dissimuladores repetiam, ao seu próprio modo, três das mais trágicas histórias que a Bíblia registra. Deixando-se possuir pelo desamor e dando mais Ênfase ao culto da liturgia que á vivência do culto em santidade e coerência, eles estavam prosseguindo pelo caminho de Caim; amando o dinheiro e as honras humanas eles estavam tentando manipular a própria verdade cristã para os seus fins interesseiros, como fez Balaão. E mais: desejando viver sem fronteiras que condicionassem a sua liberdade, eles estavam insurgindo-se contra tudo o que pudesse constituir limite aos seus "desejos espirituais", mesmo que tivessem que tentar atropelar a liderança da Igreja, como fez Core quando se levantou contra Moisés no deserto (Nm 16.1-40).

Core foi um homem que gostava de tentar exceder os limites impostos por Deus. Aliás, se ele estava possuído pelas causas e sintomas que aliados caracterizam a Síndrome de Lúcifer, não poderia ser diferente. Lúcifer foi o primeiro ser côm-scio-de-si que perdeu a consciência de quem era ele mesmo e tentou ser mais do que podia — e caiu!

Com Core aconteceu a mesma coisa!

Ele achava coisa de somenos ter as funções que possuía:

"Acaso é para vós outros cousa de some-nos que o Deus de Israel vos separou da congregação de

Israel, para vos fazer chegar a si, a fim de cumprirdes o serviço do tabernáculo do Senhor e estar perante a congregação para ministrá-lhe; e te fez chegar, Core, e todos os teus irmãos, os filhos de Levi contigo? ainda também procurais o sacerdócio?" (Nm 16.9,10.)

Core queria sempre mais. Havia nele uma volúpia espiritual. Ele queria subir até onde estava Moisés. Depois, certamente, iria tentar ficar sozinho naquela posição.

Vejam os limites que foram os limites que Core tentou exceder na sua busca desenfreada pelo "poder":

1. Não respeitava os limites divinos: Core, Data e Abirão eram três líderes da comunidade peregrina de Israel no deserto. Sendo da tribo de Levi (Nm 16.10), eles sabiam perfeitamente o que significava a investidura divina sobre uma pessoa. Além disso, já muito tempo havia decorrido desde que Deus, por meio de Moisés, os tirara do Egito, realizando toda sorte de sinais extraordinários e corroborando a liderança profética de Moisés sobre o povo. Mesmo assim, eles se insurgiram contra Moisés e contra Arão. Eles disseram:

"Basta! pois que toda a congregação é santa, cada um deles é santo, e o Senhor está no meio deles: por que, pois, vos exaltaís sobre a congregação do Senhor?" (Nm 16.3.)

Aparentemente o argumento deles era extremamente verdadeiro. Aliás, eu diria que o discurso deles era bem moderno. Eles estavam advogando algumas coisas que tinham bastante base bíblica, mas com a motivação errada. Note a significação bíblica do que eles afirmavam:

• Toda a congregação do povo de Deus é santa: não há dúvida de que isso é verdade. (Êx 19.5,6; 1 Pe 2.8,9.)

• Cada membro do povo de Deus é santo: também quanto a isso não há o que objetar. (Dt 7.6; 14.21; 26.19.)

• O Senhor está no meio do seu povo: contra esta afirmação também não havia o que opor. (Êx 33.15,16.)

Mas e daí? Moisés era o primeiro a saber disso e a lutar para que essas condições jamais fossem alteradas ou questionadas (Nm 11.29).

É nesse ponto que aparece a verdadeira motivação de Core. Ele não estava preocupado com os interesses do povo na presença de um líder despótico. Afinal, Moisés era o homem mais manso que vivia na terra naquela geração (Nm 12.3). De fato, o que Core desejava era tirar a força da liderança de Moisés para fazer sobressair a dele próprio. E, às vezes, quando se tem tais interesses, o melhor a fazer é advogar em nome da democracia, em nome dos direitos do povo. Mesmo o discurso sobre a organicidade carismática do povo de Deus, que afirma que todos são santos e têm dons divinos, pode ser manipulado a fim de promover a anarquia. Há pessoas que quando não sobressaem pelo que são, resolvem tornar-se advogadas de pretensas causas do povo de Deus, sendo que, na verdade, o que elas estão tentando fazer é depor um líder investido de autoridade divina para elas mesmas sobressaírem. Nesse caso o argumento é ornamentado de piedade e de um falso sentimento democrático que evoca os direitos do povo:

"Por que, pois, vos exaltais sobre a congregação do Senhor?" (Nm 16.3.)

Core e seu grupo conseguiram dar um jeito para que a autoridade e a unção que estavam sobre Moisés e Arão parecessem auto-exaltação carnal e despotismo.

Mas de fato o grupo de Core sabia que corria o risco de estar-se insurgindo contra o próprio Deus. Eu repito: pessoas tão acostumadas à verdade sobre a unção com a qual Deus investia as pessoas para certas funções — incluindo o próprio grupo de Core — não tinham como enfrentar um líder espiritual sem, no mínimo, trazerem consigo a idéia acerca da possibilidade de que no fim daquela cadeia de autoridades enfrentadas eles encontrassem o próprio Deus.

Moisés lhes disse:

"Pelo que tu e todo o teu grupo juntos estais contra o Senhor; e Arão, que é ele, para que murmureis contra ele?" (Nm 16.11.)

Quem nos conhece sabe como temos denunciado várias formas de despotismos e de caudilhismo que há na Igreja. Temos falado contra líderes que se arrogam a proprietários da Igreja e que exercem a autoridade de modo tirânico, impiedoso e anticristão. Tenho tentado mostrar à Igreja como o verdadeiro líder não é o senhor (dominador) da Igreja, mas, antes, é seu modelo (1 Pe 5.1-3). No entanto, devemos dizer agora que há entre nós muitas pessoas tomadas por esse sintoma da Síndrome de Lúcifer que havia em Core e seu grupo. São pessoas que esqueceram que a "imposição das mãos" na investidura de um ministro é coisa muito séria no Novo Testamento (2 Tm 1.6; 1 Tm 4.14). É por essa razão também que se recomenda de um candidato ao ministério (que viva) sob certas qualificações específicas (1 Tm 3.1-7), que não se aceite denúncia de um presbítero sem provas (1 Tm 5.19), e que a ordenação seja sempre algo bastante avaliado (1 Tm 5.22). As coisas devem ser assim a fim de que toda e qualquer insubordinação de pessoas a um líder seja sempre imotivada (2 Tm 2.24-26; Tt 2.7,8). Há dois extremos entre nós: há aqueles que se escondem atrás de textos bíblicos que advertem o povo quanto a não se opor a seus líderes, mas enquanto isso os próprios líderes continuam a fazer o que não devem; como também há aqueles que desconsideram toda e qualquer perspectiva bíblica — mesmo as do Novo Testamento — que nos advertem quanto a considerarmos os nossos guias e a obedecer-lhes (Hb 13.7,17).

Parece que temos uma vocação terrível ao maniqueísmo: ou somos subservientes, mesmo diante de líderes pecaminosos; ou somos uns rebeldes, mesmo diante de líderes bons.

O primeiro limite que Core não respeitou foi o divino: ele lutou contra a unção de Deus na vida de Moisés e Arão.

2. Não respeitava os limites da função. Core e seu grupo não eram pessoas sem função no meio do povo de Israel. Eles eram levitas (10), que tinham sobre si a incumbência do ofício litúrgico

no tabernáculo e ministravam diante de toda a congregação nos ajuntamentos do povo (v. 9). No entanto, isso não lhes bastou. Queriam o sacerdócio de Arão, desejavam auto-sagrarse sacerdotes, esquecidos de que ninguém deve tomar essa honra para si mesmo se não ouvindo chamado de Deus, como aconteceu com Arão (Hb 5.4). Core nos oferece o caso típico da pessoa que tenta minar a autoridade que está posta acima a fim de que ela própria possa ascender até onde deseja.

Infelizmente, no seio da igreja evangélica, há muito desse espírito de Core. Há pessoas que são incapazes de aceitar e de permanecer com alegria numa posição ou função na igreja, sem, imediatamente, fazerem logo daquela posição um trampolim para disputarem postos mais elevados.

Para Lúcifer era coisa de somenos ser querubim glorioso e cheio de perfeição. Ele queria ser como o Altíssimo (Ez 28.2). Core também considerava coisa de somenos a posição que tinha (9,10).

Parece difícil para as pessoas crer que Deus exalta quem quer e humilha quem deseja (Mt 23.12; Lc 14.11; Lc 18.19; Tg 4.10; 1 Pe 5.6). Parece difícil crer que quando Deus deseja que cheguemos a certa posição na vida não há nada e nem ninguém que nos impeça de chegar ali ou estar ali.

Nosso discurso evangélico sobre a soberania de Deus, em geral tão propalada por todos nós, parece ser completamente esquecido quando se trata de entregar a ele a função que temos, e pedir-lhe aquela que desejamos. Nesse particular a maioria daqueles que confessam a soberania de Deus sobre tudo e todos, age como os ateus. Tudo o que lhes ocorre é que precisam lutar com armas humanas para chegar aonde pretendem.

Muito da política eclesiástica impiedosa tem um quê desse sintoma da Síndrome de Lúcifer que dominava a mente de Core.

3. Não respeitava as limitações circunstanciais, antes as usava contra os líderes. Não somente Core fazia alarde de sua causa com convicção, como também colocava a mesma convicção na mente de seus colegas de gestões eclesiais. Datã e Abirão também pareciam saber profundamente o que desejavam. Assim é que quando Moisés mandou chamá-los para uma conversa, eles responderam com imensa valentia. Nem toda valentia é virtuosa. A valentia só é virtuosa quando é uma força que se coloca na defesa

de uma causa justa contra a opressão. Caso contrário, a valentia é o motor de tirania e de estupidez. Eles disseram:

"Mandou Moisés chamar a Datã e a Abirão, filhos de Eliabe; porém eles disseram: Não subiremos; porventura é coisa de somenos que nos fizeste subir de uma terra que mana leite e mel, para fazer-nos morrer neste deserto, senão que também queres fazer-te príncipe sobre nós?"

"Nem tampouco nos trouxeste a uma terra que mana leite e mel, nem nos deste campos e vinhas em herança; pensas que lançarão pó aos olhos destes homens? Pois não subiremos." (Nm 16.12-14.)

O que eles estavam fazendo era contrastar as promessas feitas por Moisés — que se cumpririam depois que o deserto fosse atravessado — com a situação imediata que o povo vivenciava sob o sol quente, a areia escaldante e o desconforto das tendas. Obviamente tratava-se de um contraste anacrônico e desonesto, todavia dotado de um profundo poder quanto a impressionar as mentes propensas ao descontentamento.

Como Core e seu grupo, há pessoas que são especialistas em aproveitarem-se de contratemplos e dificuldades a fim de denunciarem a administração de um líder ou a sua incapacidade de realizar o que promete.

Algumas das plataformas de política eclesiástica têm um pouco desse espírito de Core. Outras vezes, não. Mas, no geral, pelo menos a atitude que as inspira é muito semelhante.

Como é fácil manipular as circunstâncias a fim de arregimentar provas que demonstrem a ineficiência de um líder! Ainda mais quando se conduz um povo no deserto, ou em meio às crises e convulsões de um momento social angustioso.

Quando se quer enfrentar uma liderança espiritual o que não falta é subsídio para isso. Se não se pode encontrar erro ou pecado moral encontrar-se-á um defeito numa outra área. Até mesmo Daniel teve as circunstâncias manipuladas contra ele mesmo, a

fim de que fosse favorecida a causa de seus oponentes (Dn 6.4,5}. Para Core e seu grupo não havia limites. Nem o limite da razão. Os fatos não importavam. Importavam apenas os interesses. E só importavam os fatos que aos interesses servissem.

Só que Deus mesmo se levanta para enfrentar gente tão obstinada. Quem não tem limites descobrirá tardiamente a força que tem o basta divino.

"Então disse Moisés: Nisto conhecereis que o Senhor me enviou a realizar todas estas obras, que não procedem de mim mesmo.

"Se morrerem estes como todos os homens morrem, e se forem visitados por qualquer castigo como se dá com todos os homens, então não sou enviado do Senhor.

"Mas, se o Senhor criar alguma coisa inaudita, e a terra abrir a sua boca e os tragar com tudo o que é seu, e vivos descerem ao abismo, então conhecereis que estes homens desprezaram o Senhor.

"E aconteceu que, acabando ele de falar todas estas palavras, a terra debaixo deles se fendeu, abriu a sua boca, e os tragou com as suas casas, como também a todos os homens que pertenciam a Core, e a todos os seus bens.

"Eles e todos os que lhes pertenciam desceram vivos aos abismos: a terra os cobriu, e pereceram do meio da congregação." (Nm 16.28-33.)

O mais terrível dessa história talvez seja o que se diz no fim da descrição: "E pereceram no meio da congregação."

Nestes três retratos tirados do Antigo Testamento — o de Caim, de Balaão e de Core — Judas nos choca com a realidade de que todos nós andamos muito próximos dessas descrições por diversas vezes.

As causas e os sintomas da Síndrome de Lúcifer estão por aí, tentando se manifestar em quem se deixa destituir de amor pelo próximo e de cuidado para com a essência do culto, que é a vida

santa, como Caim; em quem se dispõe em troca de dinheiro a ensinar aos outros que o pecado não tem importância, como Balaão; em que se descuida das ordenanças de Deus — que nos impõe limites — insurgindo-se contra todo tipo de limite, seja divino, seja humano, seja da razão, como Core.

O que se tem a fazer é exclamar juntamente com Judas: "Ai deles!"

Capítulo 4

O DETECTOR DA SÍNDROME DE LÚCIFER

Nós já vimos as causas que geram os sintomas caracterizadores da Síndrome de Lúcifer; vimos também quais são os sintomas e estudamos a trágica história daqueles que se deixam dominar pela Síndrome. Neste ponto de nossa reflexão devemos perguntar: como perceber de modo prático a presença desses dissimuladores dentro da comunidade do povo de Deus ou em volta dela?

Antes de tudo vale dizer que Jesus nos advertiu quanto ao fato de que não devemos julgar jamais a subjetividade de nenhum ser humano (Mt 7.1). Isso porque nosso juízo quase sempre é impreciso e segundo a carne (Mt 7.2), e também tomado de pré-compreensões produzidas pela nossa indisposição pessoal com relação ao julgado (Mt 7.3). Paulo mesmo diz que tais julgamentos humanos, além de incompetentes, são sempre anacrônicos (1 Co 4.3-5).

Como se isso não bastasse, há ainda a "parábola do joio e do trigo" que nos adverte quanto às ambigüidades da presente ordem de coisas, onde nem tudo o que parece é, e nem tudo o que não parece deixa de ser (Mt 13.36-43). Ficando, portanto, todo juízo do tipo "apartheid" para a execução dos anjos, no tempo do fim.

No entanto, apesar de todas essas recomendações, o evangelho não nos deixa entregues sempre ao relativíssimo critério de Gamaliel: deixar que o tempo revele quem ou o quê é de Deus mediante a sobrevivência histórica [At 5.34-39]. A Palavra de Deus vai mais além do que o sábio do Sinédrio, porque aquele critério —

apesar de ter sido "útil" à Igreja naquele momento de perseguição — não é absoluto, pois caso o admitíssemos como tal, deveríamos ter que aceitar como verdadeiras, heresias que vêm sobrevivendo há milênios.

Com toda objetividade e realismo que lhe são peculiares o Senhor Jesus decreta:

"Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores.

"Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?

"Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém a árvore má produz frutos maus.

"Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má dar frutos bons.

"Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada no fogo.

"Portanto, pelos seus frutos os conhecereis." (Mt 7.15-20.)

Se não devemos ser juizes de ninguém, também não devemos ser uns tolos facilmente enganados. Há meios de se reduzirem os riscos do engano a níveis bem menores do que aqueles com os quais em geral trabalhamos.

Apesar dos disfarces externos e aparentes dos falsos profetas e, também, apesar de que o que eles são não aparece de modo tão óbvio do "lado de fora" de sua vida — pois o lobo que eles são está "por dentro" deles — todavia, é possível identificá-los pelos resultados morais de sua existência.

São sempre os frutos morais que têm o poder de produzir a genuína autenticação histórica de um profeta ou um homem de Deus. Não é a confissão de fé ou a verbalização ortodoxa que garantem a genuinidade de ninguém diante de Deus:

"Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus." (Mt 7.21.)

Também não são as expressões carismáticas e sobrenaturais que atestam realmente os vínculos de um "carismático" com Deus:

"Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitos milagres?

"Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade." (Mt 7.22,23.)

Diante de toda a confusão que há entre nós, pela penetração de toda sorte de enganadores, fica a pergunta: será que Jesus não foi suficientemente claro quando tentou nos dar as "pistas" de quem são os enganadores, ou será que nós é que não estamos lendo a Bíblia com atenção?

Paulo nos convoca a sermos criteriosos:

"Observai o que está evidente." (2 Co 10.7.)

E mais:

"Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos." (1 Co 14.20.)

Isto posto, voltemos ao nosso comentário de Judas e à nossa procura de detecção da Síndrome de Lúcifer nos dissimuladores que penetram a Igreja.

ELES SÃO AMEAÇA AOS NAVEGANTES DA FÉ

Judas os chama de "rochas submersas nas... festas de fraternidade".

A figura usada por ele é fortíssima. Ele diz que esses dissimuladores são especialistas em fazer as pessoas naufragarem na fé. Apesar de toda pseudo-espiritualidade deles, de fato quem deles se aproxima corre o risco de afundar no mar da dúvida, do escândalo, da decepção, da libertinagem, etc.

E pior: eles não estão na esquina, nem no bar na frente do templo, nem no motel do próximo quarteirão. Eles estão nas nossas "festas de fraternidade". Participam da celebração de comunhão, da ceia da fé.

É o caso de uma moça que disse que jamais voltaria à igreja porque, após o culto, um rapaz de "aparência santificada", e que tomou a ceia do Senhor do lado dela, ofereceu-lhe carona para casa, sendo que, no meio do caminho, quis desviar o trajeto para um motel, oferecendo-se para consolar aquela "alma solitária".

É também o caso daquele líder que, gozando de toda confiança da sua igreja, fazia-se de doente, ludibriava o povo tomando dinheiro para o seu "tratamento de câncer" e usava os adolescentes para fazerem "introdução direta" de sêmen no seu ânus, dizendo ser essa a última palavra em "medicina alternativa" para curar o câncer do tipo que o "acometia". Mas para tal fazia oração, antes, durante e depois do ato.

É ainda o caso daquele pastor que especializou-se em aconselhamento psicológico, mas que, de fato, nada mais fazia que aproveitar-se das mulheres carentes e emocionalmente desamparadas que o procuravam. Seu gabinete pastoral virou um motel durante dez anos.

Eu teria uma lista quase interminável para transcrever, narrando casos horrorosos como os três anteriores. Mas creio que somente os pato logicamente ingênuos ainda descrêem de que tais coisas sejam passíveis de acontecer em nosso meio. Por isso, basta!

Todavia é bom lembrar: essas "rochas submersas" às vezes estão transitando em nossas festas de fraternidade, dirigindo o louvor no templo, ensinando teologia nos cursos bíblicos,

trabalhando nas missões, pregando belos sermões, falando em programas evangélicos na TV e no rádio, etc.

Esses que fazem naufragar na fé são os que promovem escândalos. Eles deveriam fazer o que Jesus disse:

"Mas qualquer que fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e se submergisse na profundidade do mar."
(Mt 18.6.)

Mas não. Não ficam na "profundidade do mar". Ficam bem à tona, bem na superfície. São "rochas submersas", mas não o suficiente para livrar o calado dos barquinhos dos novos crentes. Quem passar por onde eles estão corre o risco de afundar.

No entanto, não temos desculpas. Quase sempre é possível perceber esses seres perigosos. Judas diz: "Banqueteando-se juntos sem qualquer recato." (Verso 12). Eles são extravagantes e indiscretos. Há uma tradução desse texto que diz "enquanto descaradamente cuidam de si mesmos".

Literalmente eu já tenho conhecido várias pessoas assim. Não passam de aproveitadores à procura de boas refeições, de belos banquetes e de deliciosas oportunidades para se regalarem. Mas o que eles são manifesta-se na intemperança deles, na falta de moderação, de recato e de discrição.

São mestres das vãs gargalhadas e das brincadeiras picantes e insinuantes!

O deus deles é o ventre!

Não estou dizendo isso porque suponho que seja assim; ao contrário, já vi esse comportamento-padrão muito de perto, em minha própria mesa, ao meu lado, na minha frente, em extrema proximidade, até que os primeiros náufragos começaram a pedir socorro e eu então pude ver que havia "rochas submersas" no trajeto.

E por que não notei antes? Por causa da ingenuidade, da credulidade, do amor emotivo, do temor de exercer algum tipo de

juízo sobre tantos objetivos que começavam a aparecer. Quando a maré baixava dava para ver as pontas das pedras, mas eu ficava com medo de estar exercendo algum tipo de juízo temerário. Mas quando a vida de terceiros está em perigo uno podemos ter medo de confrontar as suspeitas e de fazer-lhes perguntas objetivas e de demonstrar-lhes nossa inquietação diante de seus comportamentos.

ELES SÃO PASTORES DE SI MESMOS

Agora o apóstolo nos diz que esses dissimuladores, tomados pela Síndrome de Lúcifer, não "pastores que a si mesmos se apascentam" (verso 12).

Em Ezequiel 34.8 se diz: "Os meus pastores... apascentam a si mesmos, e não apascentam as minhas ovelhas."

O que neste ponto Judas pretende ressaltar é a caráter egoísta desses "pastores". Eles não estão preocupados com as ovelhas. Não medem suas ações, gestos, palavras ou comportamentos.

Não se importam com as possíveis conseqüências de seus atos. Não lhes pesa no coração qualquer preocupação com as impressões que porventura seu comportamento possa deixar negativamente nas pessoas.

Falam tudo o que lhes vem à cabeça. Externalizam todos os seus pensamentos. Transbordam todos os seus desejos. Não são mestres do amor. Ao contrário, são mestres do egoísmo. Não se importam com ninguém. São incapazes de qualquer altruísmo a fim de ajudar alguém. Não são pastores que cuidam dos interesses das ovelhas. Cuidam apenas de si mesmos. São pastores de si mesmos e para si mesmos.

Que diferença enorme há entre esses "corações pastorais" insanos e egoístas e o apaixonado coração pastoral de Paulo! Vejamos:

"Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não

enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?" (2 Co 11.28,29.)

Esses pastores egoístas jamais conheceram o Bom Pastor que deu a vida pelas ovelhas. Esses pastores mercenários não conhecem as ovelhas pelo nome, não as conduzem, não vão adiante delas; ao contrário, são daqueles que entregam as ovelhas ao lobo, à morte e à destruição. Abandonam as ovelhas na hora do perigo. Não têm cuidado com as ovelhas. A decisão deles em relação ao pastoreio é baseada apenas na proposta financeira. São incapazes de espontaneamente darem-se em serviço sacrificial pelas suas ovelhas.

Um dos seriíssimos problemas atuais, além de que há dissimuladores, é que temos muitos pastores que não pastoreiam nada nem ninguém. Nada sabem da vida e nem das profundas implicações do pastoreio sério e apaixonado.

Logo essas pessoas dizem que estão decepcionadas com a igreja, com a instituição, com os colegas, etc., deixam o ministério objetivo e passam a viver um pastorado sem nenhuma consequência sobre a vida de ninguém.

Há centenas de pastores de si mesmos. Nem suas esposas e filhos eles pastoreiam.

Há uma crise de finalidade, de paixão engajada e autodoada na vivência pastoral de grande parte dos pastores atuais.

Até aí o problema é apenas existencial, de falta de coragem, positividade, rigidez, maturidade e esperança na vida desses pastores. Mas, daí à encarnação da maligna vivência do pastoreio de si e para si, acerca do qual Judas nos falou, a distância não é longa.

ELES SÃO COMO NUVENS VAZIAS

"Nuvens sem água impelidas pelo vento" (verso 12) — é assim que Judas os chama. Dessa forma ele nos faz ficar atentos a três realidades que aparecem na vida deles.

1. As promessas de bênção que não vêm. São como "nuvens sem água". Assim, quem olha com expectativa para eles se frustra.

De suas vidas nada se deve esperar; de suas palavras faladas nada se cumprirá. Seus ministérios não passam de aparência e fachada. Dentro de suas vidas nada há. Seus discursos só têm estruturas, são vazios. Suas orações são somente gritos ociosos. Seus carismas não passam de encenação. Quando eles chegam, cheios de si e de promessas de bênçãos, o povo enche-se de esperança, como nordestinos sedentos no sertão, mas quando eles passam, verifica-se que, apesar da ventania e das trovoadas, não houve chuva. Eles são "nuvens sem água". Ah, como a Igreja tem estado cheia de ministérios desse tipo! Especialmente no ocidente há grande quantidade de pessoas que nada têm a dar ou oferecer conquistando espaço na vivência da Igreja de Cristo.

"Como nuvens e ventos que não trazem chuva, assim é o homem que se gaba de dádivas que não fez." (Pv 15.14.)

2. A altivez de uma vida intocável. São altos, elevados, como as "nuvens". Não têm nada a oferecer, mas fazem grande pompa. Aparecem acima de toda e qualquer outra referência. Para que se os veja tem-se que olhar para o alto. Estão acima de todos. É assim que aparecem nos palcos da fé. Cheios de excelência, elevados, porém vazios.

3. A instabilidade de uma existência sem compromissos. "São como nuvens... impelidos pelo vento." Aqui ele nos faz considerar que se a vida desses dissimuladores é uma promessa mentirosa, é porque eles são pessoas instáveis em si mesmas. São impelidos pelos ventos, pelos ares novos, pelas modas do saber, pelas novas teologias, pelos sopros de mundana sabedoria, "levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro" (Ef 4.14). Não pode haver dúvida de que todo aquele que ilude a outros, é ele mesmo o maior iludido. Dessa forma esses que desinstabilizam a existência de outros, são eles mesmos desinstabilizados pelos ventos dos tempos e dos enganos.

Comentando este trecho, o Dr. Michael Green nos diz:

"Aqui temos um exemplo pitoresco da inutilidade do ensino que é supostamente "avançado" e "iluminado", mas nada tem a oferecer ao cristão comum para nutrir a sua vida espiritual. Acho que esta é uma advertência solene para aqueles que, como eu mesmo, somos teólogos profissionais. Devemos constantemente perguntar a nós mesmos se nossos estudos e o nosso conhecimento estão sendo de benefício para qualquer pessoa."

Caso contrário, pensa o Dr. Green, tal elevado saber é como o daqueles que "são como nuvens sem água, impelidas pelo vento".

ELES SÃO COMO ÁRVORES ESTÉREIS

Neste ponto Judas nos apresenta um quadro trágico e bastante conhecido como símbolo de juízo: a árvore estéril. No entanto, a afirmação é mais ampla na medida em que sua ilustração extrapola a mera idéia da esterilidade. Diz o texto:

"... árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidos, duplamente mortos, desarraigados."
(Verso 12.)

Como no exemplo anterior, a ilustração usada traz consigo três implicações fundamentais.

1. Uma vida sem frutos. "Árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidos." A situação imediata à qual a figura usada por Judas nos reporta é a da esterilidade. De fato, aquilo no que se pensa é na realidade de que "dado ao tempo decorrido" esses pseudomestres deveriam apresentar frutos. Todavia, sua vida não produz nada.

Muita gente se esquece do que Jesus disse quando se trata de reconhecer alguém como profeta de Deus: "Pelos seus frutos vós os conhecereis." Pelo contexto do que Jesus disse, os frutos aos quais ele aludia não eram confessionais (Mt 7.21), nem carismáticos (Mt 7.22,23), porém morais, relacionados a uma vida santa e obediente ao Pai que está nos céus (Mt 7.21b).

Uma vida incapaz de produzir frutos de arrependimento (Mt 3.8) e frutos de serviço santo a Deus (Hb 6.7,8; 10.1), é em si

mesma uma candidata potencial ao juízo (Lc 13.6-9). Obviamente a misericórdia de Deus sempre dá tempo para que aconteça alguma coisa positiva na existência estéril das pessoas. Mas vem a hora quando o prazo acaba. Aí então, nada mais resta a fazer se não cortar a árvore (Jo 15.2,6).

2. Uma vida duas vezes morta. "... duplamente mortas." Isso porque antes esses falsos mestres estavam "mortos em delitos e pecados", mas não sabiam que estavam. Agora, depois de "iluminados" com a verdade de Deus, eles continuam mortos, só que sabem disso. Por isso estão duplamente mortos. Ouviram a voz de Deus quando disse: "Desperta ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará." (Ef 5.14), porém não atenderam ao chamado. Por isso continuam mortos e sabem que esta é a sua condição.

Por mais que alguém tente racionalizar o seu próprio estado espiritual, e tente encontrar desculpas para ser como é e para se comportar como se comporta — à margem do padrão de Deus — todavia, tal pessoa sempre sabe, lá no fundo de si mesma, que o que a aguarda é juízo e fogo ardente:

"Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.

"Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés.

"De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calçou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?" (Hb 10.26-29.)

Assim os pseudo-anjos-de-luz estão duplamente mortos, como uma árvore que está morta porque é morta e também porque não dá fruto.

3. Uma vida sem raízes no chão da graça, "desarraigados". Esta figura traz no seu bojo a idéia do juízo. O sentido é de ter sido tirada do terreno de Deus, ter sido arrancada do solo da graça. Existir assim é como tentar ser uma árvore própria do chão que pretende viver como planta aérea, desconectada da fonte da vida. O que aqui se fala é que tais mestres — conquanto ainda estejam plantados no chão da comunidade — já foram arrancados do chão da graça divina. Essa idéia aparece em textos fortíssimos do Antigo Testamento:

"Também Deus te destruirá para sempre; há de arrebatar-te e arrancar-te da tua tenda; e te extirpará da terra dos viventes." (Sl 52.5.)

"Mas os perversos serão eliminados da terra, e os aleivosos serão dela desarraigados." (Pv 2.22.)

Dessa forma somos advertidos a olhar para os sinais morais que caracterizam a vitalidade existencial e de caráter dos seres humanos, ao invés de ficarmos olhando apenas para as aparências frondosas, porém estéreis, de certos homens que falam de figos doces, mas em cuja vida nada se acha entre as densas folhas de sua religiosidade, que só servem para mascarar a esterilidade moral na qual vivem.

ELES SÃO COMO ONDAS DE RESSACA

São "como ondas bravias do mar, que espumam a sua própria sujidade" (verso 13a). Isso dignifica que a vida desses portadores da Síndrome de Lúcifer é violenta, bravia, agressiva e amargurada, fazendo com que aquilo que neles habita venha à tona na expressão do lixo moral.

Eu vivo próximo à praia de Piratininga. Adiante de nossa casa há uma lagoa e logo a seguir vem a restinga e o mar. Às vezes ando pelas manhãs ou no fim das tardes pela areia da praia. O curioso é que após os períodos de ressaca do mar — quando as ondas tornam-se impetuosas e indomáveis, ameaçando mesmo os

surfistas experientes — a areia fica impregnada de tábuas velhas, algas marinhas, mariscos mortos, resíduos industriais, e muito lixo dos navios que passam ao longe. E é bom dizer que essa praia não fica próxima das zonas de poluição da cidade, sendo esta uma região muito tranqüila. Mas, nas ressacas, as "ondas bravias do mar, espumam a sua própria sujidade". As coisas que estavam ocultas são reveladas. O mar acaba mostrando aquilo que o habita.

Com essa figura, Judas tenta nos dizer que é bom ficarmos sempre "de olho" no temperamento e nas expressões desses falsos mestres, porque, mais dia menos dia, eles acabam-se delatando. Num momento de ira, de ódio, de descontrole eles acabam mostrando aquilo que de fato são.

Como disse o profeta, "os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo".

ELES NÃO TÊM ROTA DEFINIDA NA VIDA

Aquilo que Judas diz dá medo de ser ouvido com um sentido literal. Mas, apesar disso, é mesmo literalmente que se deve ler e ouvir a voz do apóstolo:

"Estrelas errantes, para as quais têm sido guardada a negridão das trevas, para sempre."
(Verso 13b.)

Outra vez são três as idéias fortes que aparecem na presente figura.

1. Eles têm fulgor. De fato são chamados de "estrelas". Podem até ser superstar da fé. Mas o brilho deles é o das estrelas cadentes. Aparece, porém logo acaba.

2. Eles não têm rumo. Assim se diz que eles não se submetem a nenhum percurso pré-determinado. Na sua ânsia de autonomia absoluta, acabam-se convertendo, não em astros que possuem trajetos, mas em "estrelas errantes".

3. Eles perderão a luz para sempre. Aqui se diz que para eles "tem sido guardada a negridão das trevas para sempre". E assim

entra-se na questão direta de que o fim dos superstars religiosos, autônomos de Deus e do próximo, é a escuridão do inferno.

No que tange à tese central desse livro, que é a de que o problema de Lúcifer se transformou numa Síndrome de amplidão universal, o texto em questão novamente levanta o fato.

Michael Green diz que, para essa metáfora, Judas volta outra vez a mencionar o livro de Enoque (que ele já mencionou no verso 6 e voltará a mencionar no verso 14), onde um anjo mostra a Enoque "uma prisão para as estrelas do céu". Mais tarde se diz que Enoque vê estrelas ligadas, juntas, e a ele se diz: "Estas são as estrelas que transgrediram... e esta é a prisão dos anjos em que estão guardados para sempre."

Sem dúvida parece mesmo que Judas está falando que a Síndrome de Lúcifer, que atingiu os anjos que caíram, agora atingira também os falsos pastores e mestres da igreja cristã, pois ele usa a mesma linguagem do livro de Enoque para aludir ao juízo que atingiria os "dissimuladores" da fé.

E assim, mais uma vez, a tese deste livro se comprova: a Síndrome de Lúcifer é um estado de coisas que sobrevive com imensa autonomia e poder de sedução contaminador no meio da Igreja. É preciso, portanto, vigiar.

Concluindo esse capítulo, "Use o Detector da Síndrome de Lúcifer", devo dizer que o sumário de tudo o que dissemos foi expresso pelo Dr. (Green de maneira magistral:

"Nestes dois versículos (12 e 13), Judas evocou um quadro rápido e marcante dos homens que está denunciando. São perigosos como rochas submersas, egoístas como pastores perversos, inúteis como nuvens sem chuva, mortos como árvores estéreis, sujos como o mar que espumeja, e com uma condenação tão certa como a dos anjos caídos."

Capítulo 5

O LADO RELIGIOSO DO JUÍZO DE DEUS

Nos dias atuais tem-se certa dificuldade em aceitar a idéia de que um dia haverá um juízo radical na História dos indivíduos (Ap 20.12), das nações (Mt 25.32) e das estruturas de dominação da História (Ap 18.1-8). Essa idéia de julgamento parece, para muitos, uma noção caduca e esclerosada. Pensa-se que o homem atual alcançou a sua idade adulta, tendo ficado, por causa desse fato, emancipado dos conceitos condenatórios criados pelas gerações passadas. Para alguns, foram os complexos de culpa resultantes de leis exigentes que fomentaram no ser humano essa idéia de juízo. Para outros, o conceito vem como insultado imediato e espontâneo da revolta decorrente dos estados de fome, pobreza e miséria à qual se é submetido; e ver a vida desde aí é vê-la na ânsia de que se faça justiça, de que VENHA o juízo. Para outros, ainda, a noção do juízo o foi produzida pelos poderosos deste mundo, na intenção de aquietarem as massas humanas exploradas, evitando-se assim os processos revolucionários. Não negamos que algumas dessas causas tenham estado, muitas vezes, por trás das noções de Juízo. No entanto, se queremos continuar-nos considerando cristãos precisamos ter em mente que é parte essencial do ensino de Jesus e da Escritura que um dia haverá um Juízo. E isso é absolutamente coerente com o sistema de verdades da Escritura e com a visão cristã da História, como tendo princípio (Gn 1.1), meio-plenitude (Gl 4.4) e fim (Mt 14.6 e 14). A idéia do julgamento encontrada no Antigo Testamento e no Novo Testamento não é apenas uma verdade cultural, mas é parte fundamental de qualquer percepção não absurda da História. Somente quem olha para a História como sendo absurda é que pode fazê-la prescindir de um Juízo. Mas numa História onde Deus seja a referência da Justiça, da Verdade, do Amor e do Juízo, tem que haver julgamento. Apenas numa História ateia não pode haver um julgamento radical da História.

Se Deus é Deus, então seu encontro com a criação implicará em choques e revelações de quem somos. Isso é Juízo.

Pois bem, para Judas, esse Juízo era inevitável. Especialmente em face da apostasia e da blasfêmia-feita-vida pelos dissimuladores que penetram a Igreja.

"Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram, e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele." (Versos 14 e 15.)

Mais uma vez o livro de Enoque é citado por Judas. Com isso conclui-se, por inferência, que conquanto a obra que leva o nome de Enoque não seja inspirada, no entanto, para os apóstolos, sua citação era pertinente porque seu conteúdo era verdadeiro. E assim se faz distinção entre inspiração e iluminação. O texto de Enoque não era inspirado, porém era iluminado, sendo, portanto, verdadeiro. Não era inspirado no sentido canônico do termo, mas era inspirado no sentido mais amplo, visto que não há verdade que não seja uma revelação.

De volta ao assunto de nossa reflexão, deve-se enfrentar duas realidades que saltam dos versículos 14 e 15 há pouco citados:

1. O julgamento terá seu lado religioso. Dizemos isso porque Judas alude especificamente aos dissimuladores, àqueles que estavam tomados pela Síndrome de Lúcifer. Esses são, para ele, "os tais" aos quais ele vinha descrevendo anteriormente mediante figuras de linguagem de conteúdo fortíssimo e terrível (versos 14-16).

Quase sempre os cristãos, quando pensam no Juízo, imaginam-no no cenário secular. Fecham-se os olhos e vêem-se os grandes líderes do mundo, os grandes impérios econômicos, as máfias, os traficantes de drogas, os corruptos, os bruxos e feiticeiros, os depravados, etc., sendo escrutinados por Deus numa grande planície cósmica, onde todos esses seres estariam de pé e nós, os cristãos, de longe, vendo esse quadro, de um lado livres da dor, da compaixão; de outro lado livres de sentir uma alegria irônica — se muito.

Também é-nos difícil pensar num juízo que varra os porões da Igreja e os subterrâneos de suas estruturas. E quando admitimos essa possibilidade quase sempre negamo-nos a crer que o julgamento exercido no âmbito da Igreja tenha conseqüências de condenação eterna. Mas terá.

Nós, evangélicos, até que aceitamos o juízo como podendo vir com força sobre a Igreja Católica. Mas sobre nós, nossos membros, nossos pastores, nossos mestres, nossos teólogos, nossas instituições, achamos uma heresia tal pensamento.

A Igreja Protestante — e especialmente a difusa igreja evangélica — está exatamente no ponto de petrificação do processo religioso no qual Jesus encontrou o judaísmo dos seus dias. Mas não somos capazes de ver isso. Dessa forma lemos as palavras de confrontação e juízo que Jesus proferiu contra os religiosos hipócritas, desalmados, mentirosos, cínicos, legalistas e superficiais daqueles dias e achamos que isso não tem nada a ver conosco.

Esquecemo-nos de como Jesus abominou a teologia correta que não gerava uma correção das deformações religiosas (Mt 23.1-3), o legalismo que achatava a psique humana (Mt 23.4), a espiritualidade estereotipada e encenada no palco da fé (Mt 23.5-7), os títulos eclesiásticos enfatuados e auto-reivindicados (Mt 23.8-12), as teologias de estreitamento da graça (Mt 23.13), as preces usadas como chantagem emocional para tirar dinheiro dos pobres (Mt 23.14), o proselitismo separatista e desalmado (Mt 23.15), os jeitinhos teológicos dados para esvaziar o conteúdo de causas e pessoas a fim de se dar valor às coisas da religião (Mt 23.16-22). Sim, esquecemo-nos de como Jesus detestava a inversão de valores na hierarquia dos mandamentos e sua importância (Mt 23.23,24); de como ele odiava as aparências falsas e sem correspondência no interior do ser (Mt 23.25-28); de como ele enxergava com desprezo o busto dos profetas em praça pública, pelo fato de que eles só estavam sendo honrados porque já não estavam mais vivos para incomodar os líderes religiosos (Mt 23.29-35). E, sobretudo, esquecemo-nos de que, para Jesus, sempre que tais coisas acontecem, fosse no judaísmo ou na Igreja, o juízo divino não pode falhar:

"Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre a presente geração." (Mt 23.36.)

No Apocalipse, Jesus diz:

"Eu sou aquele que sonda mente e coração e vos darei a cada um, segundo as suas obras." (Ap 2.23.)

2. A religião também é lugar de blasfêmia e de perversidade. Para Judas isso já estava mais do que claro e tal possibilidade era mais que factível. Se não se vigiar, a Igreja pode ser tomada por ímpios e pecadores, que praticam "obras ímpias" e dizem "palavras insolentes".

Para quem duvida de que isso seja possível, recomendamos a simples leitura do Antigo Testamento ou de qualquer singelo livro sobre a História da Igreja, para que se veja como tanto na História de Israel como na da Igreja, a blasfêmia e a perversidade estiveram presentes tantas vezes.

No Antigo Testamento se diz com freqüência que tanto o povo quanto os reis e os sacerdotes "faziam o que era mau perante o Senhor". E na Igreja não existe essa possibilidade? Será que a Reforma acabou de vez com a possibilidade de que também nos desviemos da verdade como aconteceu com o catolicismo medieval? É claro que não!

As cartas às igrejas da Ásia Menor nos falam da necessidade de que a Igreja se arrependa de sua indiferença e arrogância (Ap 2.4,5), do sincretismo e da impureza (Ap 2.14,15), dos adultérios praticados com naturalidade no âmbito da comunidade por líderes da Igreja (Ap 2.20,21), e da soberba autoglorificante resultante de um sentimento de autonomia (Ap 3.15-19). E isso enquanto havia discípulos da primeira geração cristã ainda vivos, e enquanto o próprio apóstolo João ainda estava vivo. E hoje? Não há mais tal possibilidade de desvio? Somente os estúpidos pensam que não.

Judas nos confronta com a advertência de que as obras a que a Igreja assiste passivamente serem realizadas no seu meio receberão um juízo sem indulgência da parte de Deus. É mais fácil Deus ser indulgente com os corruptos do governo do que ser indulgente com os corruptos da Igreja. É mais provável que o juízo divino seja mais brando para prostitutas do que para pregadores adúlteros. É mais certo que o escrutínio divino será menos humilhante para ateus do que para religiosos fanfarrões. É mais compreensível que o Juízo comece pela casa de Deus do que pelo motel da esquina.

Nada é mais repugnante do que a iniquidade praticada sob o disfarce de batinas, colarinhos clericais, togas pastorais e austeros ternos pretos. Nada é mais repugnante do que a interesseira e mexeriquenta política dos bastidores eclesiásticos. Pouca coisa é mais repulsiva do que a iniquidade associada ao "ajuntamento solene".

Agora, a fim de comprovar como a Igreja está vivendo uma situação de pré-juízo, transcreverei um artigo de Jamie Buckingham, editor chefe da revista carismática Charisma. Buckingham é autor de 37 livros, traduzidos em diversos idiomas e é um carismático de renome nos Estados Unidos. Conquanto pessoalmente eu não concorde com as pressuposições teológicas de alguns dos livros de Buckingham, no entanto creio que ele acertou "em cheio" na análise que fez da situação da igreja americana, especialmente no que tange ao estado de comercialização da fé, vigente em centenas de grupos cristãos e práticas ministeriais nos Estados Unidos. Vale ainda ressaltar que o artigo que transcreveremos foi escrito logo após o escândalo Jimmy Bakker e bem antes do escândalo de Jimmy Swaggart. Quando o li tive o sentimento de que estava com um texto profético em minhas mãos. Além disso logo fiquei certo de que a tese central do artigo era inegavelmente verdadeira: "Deus está sacudindo a sua Igreja." Vamos à transcrição:

"Estremeci diante de minha mesa ao ouvir a voz de Jimmy Bakker ao telefone. "Jamie, aqui fala Jimmy Bakker. Eu preciso de você."

"Era o dia 21 de março. Como toda a América, eu havia ouvido as notícias do dia anterior: Bakker demitira-se da presidência da rede de TV PTL ¹ e também de sua ordenação como ministro da Assembléia de Deus, admitindo envolvimento em imoralidade sexual. Jerry Falwell, um dos mais conhecidos fundamentalistas, assumira o ministério PTL, ministério carismático dos maiores da América.

"Agora Bakker me ligava, pedindo-me que fosse ao seu auxílio, em Palm Springs, Califórnia.

¹ PTL (People that Love): um dos mais populares programas evangélicos da TV americana.

"— Por quê? perguntei.

"— Eu preciso de alguém que me fale da Palavra de Deus, replicou.

"Eu não queria envolver-me. Tínhamos um problema em erupção na igreja da qual sou pastor, na Flórida, e isso já era o bastante. De fato, em muitas igrejas e ministérios, por todo o país, aconteciam muitos tremores, equivalentes espirituais aos que foram medidos pelos geólogos antes da erupção do monte Santa Helena, alguns anos atrás. Mas não tinha escolha. Quatro horas mais tarde, estava no avião em direção à Califórnia para passar três dias com um homem que me havia chamado para pedir ajuda.

"Eu não sabia — àquela altura — das terríveis revelações acerca do PTL que ainda viriam nas próximas semanas. O escândalo não se limitava a um caso sexual isolado, ocorrido há sete anos em Clearwater Beach, Flórida, em um quarto de hotel com a jovem secretária da igreja. A cada dia, artigos nos jornais revelavam novos aspectos do problema.

"Durante todo o mês de abril, conversei com líderes cristãos de todo o país. Cada um tinha uma perspectiva diferente do caso. Tive uma longa conversa com Frances Swaggart e mais tarde com seu esposo Jimmy Swaggart, um homem que respeito profundamente, embora não concorde, em absoluto, com o seu estilo de vida e com seus lancinantes ataques a praticamente tudo.

"Visitei o PTL e passei diversas horas com Richard Dortch, que havia sido o segundo em comando de Bakker e fora seu sucessor durante cinco semanas até que sua demissão também se efetivasse.

"Conversei com líderes cristãos e cada um tinha uma opinião diferente. Passei longas horas com o assistente de Falwell, Mark DeMoss, que herdara de seu pai, o falecido Art DeMoss, altos padrões de integridade e ética.

"A trama emaranhara-se ainda mais. A despeito do fato de não achar evidência para crer que Jimmy Swaggart tomaria posse do PTL (a opinião de muitos), havia discrepâncias evidentes nas histórias contadas por Jim Bakker, Richard Dortch e pelo pessoal de Jerry Falwell. Soube, por exemplo, que Bakker não contratara Falwell a fim de que tomasse posse do PTL, como havia sido noticiado, mas que este tomara a iniciativa, dizendo que Bakker

não tinha escolha. Bakker insistira, diante de Dortch e de DeMoss, que Falwell devolvesse o ministério a ele assim que a fumaça desaparecesse. Dortch, DeMoss e Falwell, os três, afirmaram que não havia sido assim.

"Em quem acreditar? As histórias todas se contradiziam. Algo, porém, era claro: Deus estava usando a imprensa para expor as coisas — erradas — que seu povo estava tentando esconder. O vento, que estava soprando sobre a cidade de Charlotte (sede do PTL), poderia também soprar sobre Baton Rouge, Lynchburg, Ft. Worth, Garden Grove e, eventualmente, sacudir cada igreja do país — assim como estava sacudindo a minha, em Melbourne, Flórida.

"Lembrei-me da palavra que o Senhor me havia dado pouco tempo antes: ele estava soltando a imprensa sobre a Igreja, assim como havia soltado os gafanhotos sobre Israel. Em outras palavras, não poderíamos culpar a imprensa pelo que estava acontecendo. Tudo fazia parte de um plano de Deus para limpar os campos. "Não se pode curar desobediência com inseticida", disse Bob Mumford certa vez. Os gafanhotos se afastarão somente quando o povo de Deus se arrepender, quando ele estiver pronto a prestar contas e a começar a viver como Jesus viveu.

"À medida em que os dias passavam, comecei a ser pressionado com sobrecarga de informações. De cada pessoa que conversava obtinha uma versão do caso. Ninguém, ao meu conhecimento, tinha dito toda a verdade, embora muitos houvessem revelado tudo o que sabiam. Somente em Deus poderia acreditar.

"Tornou-se evidente que não era o que Bakker, Falwell ou Swaggart haviam falado o que importava. A questão era: o que Deus estava falando e o que Deus estava fazendo?

"Houve épocas na história quando Deus desceu até os homens. Os carismáticos gostam de pensar do Pentecoste como uma dessas ocasiões quando a suave brisa do Espírito Santo soprou sobre a Igreja, enchendo-a de poder. Precisamos, porém, lembrar que o Espírito Santo não é apenas pneuma, que é o conceito do Novo Testamento de um espírito suave e que enleva. Ele é também ruach, a palavra do Velho Testamento para designar vento que ruge, aparentemente destrutivo. Talvez seja essa uma das razões por que Deus permitiu que Jerry Falwell, um

fundamentalista, entrasse no campo carismático: para exercer justiça.

"O capítulo 11 de Gênesis relata uma das ocasiões em que Deus desceu e soprou o seu ruach sobre o seu povo. Ali encontramos a história de um grupo de pessoas que, em nome do Senhor, decidiu construir uma cidade — complementada por uma torre — que glorificaria a elas próprias. A história de como Deus procedeu para com essa cidade e seu povo ultrapassa a razão da multiplicidade lingüística da terra — está incluída na Bíblia para avisar-nos das armadilhas inerentes ao exagerado senso de poder humano.

"O plano arquitetado por aquele antigo povo demonstrou arrogante rebeldia contra a supremacia de Deus e uma deliberada atitude idolatra. A idolatria ocorre quando a ânsia de poder e a ambição de controle total tornam-se absolutas e alvos em si, em detrimento dos alvos mais elevados e corretos.

"Nesse caso, os homens conspiram e entram em rivalidade com Deus. Deus era chamado de "o Nome"; eles, porém, disseram: "... tornemos célebre o nosso nome..." A conspiração contra Deus consistiu em tomar o seu Nome. A consequência: Deus desceu até eles para defender a sua glória.

"A geração atual é caracterizada por um número sem conta de líderes cristãos que identifica o seu ministério com o seu próprio nome. Nada há de errado com a identificação em si. O problema reside na Síndrome de superstar que muitos contraem. Quando perguntei a um líder de um dos maiores ministérios a quem se submetia, rapidamente respondeu: "A Deus." Eventos recentes, no entanto, provam que essa não é mais uma resposta adequada.

"Submeter-se a Deus não é o suficiente. Jerry Falwell estava certo quando declarou que se um ministro recebe dinheiro do público deve prestar contas ao público. E não somente ao público, mas deve também prestar contas à igreja local. Está na hora de elevar os padrões de ética, contabilidade fiscal, comportamento e estilo de vida.

É difícil humilhar-se quando se é grande, rico e poderoso. Muitos de nós suspeitávamos que Deus iria, mais cedo ou mais

tarde, pedir contas do PTL. O programa tornara-se uma hora comercial imobiliária, algo que constrangia a muitos cristãos sérios.

"Por outro lado, programas levados ao ar por John Ankerburg e Jerry Falwell negam a obra poderosa e milagrosa do Espírito Santo. No final, nem um nem outro sobreviverá.

"Na antiga Babel, o povo adorou a sua criatividade — uma criatividade que fora soprada neles como parte da imagem de Deus. Esqueceram-se de que Deus lhes havia dado limites, e desejava que operassem dentro de limitações.

"Através dos tempos, tenho sentido o espírito do tipo "nós podemos fazê-lo sem Deus" controlando os maiores ministérios da América.

"Naturalmente, ninguém ousaria revelar esse espírito na TV (os fundos financeiros imediatamente secariam), mas fora das câmeras e nos escritórios executivos é bastante comum.

"Estremeço quando ouço certos televangelistas dizerem: "Este ministério tem sido comissionado por Deus para anunciar a volta de Jesus Cristo." Um dos mais conhecidos televangelistas recentemente distribuiu um cartão mencionando que Deus lhe havia falado ser o seu ministério o único que tinha a sua bênção — porque ele era puro...

"Estremeço diante da arrogância pessoal e falta de prestação de contas entre líderes — uma das causas do estilo de vida culposo e gastos exagerados. Conheço apenas um único homem, dentre os líderes dos maiores ministérios da América, que submete sua vida pessoal a outros colegas que nem sequer são seus funcionários e nem mesmo ambicionam sua posição. As tentações ao orgulho e ao engano são grandes. O tremor atual está forçando líderes a se submeterem uns aos outros.

"Estremeço diante dos métodos de arrecadação de fundos usados pela maioria dos ministérios da América. A maioria das cartas que pedem contribuições nem sempre expõe toda a verdade. Como pode Deus abençoar uma carta feita por computador, com assinatura impressa e ainda por cima mencionando que o televangelista está orando pela pessoa naquele exato momento? Como pode Deus abençoar o televangelista que vai ao ar e fala ao povo que tem usado todo o dinheiro arrecadado e necessita desesperadamente de mais contribuições — enquanto ele e sua

família estão dirigindo um carro de 50 mil dólares e vivendo em casas suntuosíssimas?

"Creio que há meios legítimos e cristãos para a arrecadação de dinheiro. Mas enquanto os líderes desses ministérios estão determinados a usar seus métodos suspeitos, o insistente ruach continuará a soprar sobre a Igreja.

"Em março, mais de 600 líderes cristãos — a maioria filiada a denominações evangélicas, universidades e ministérios paraeclesiásticos, reuniram-se em Kansas City a fim de procurar "um caminho mais excelente" e ético na arrecadação de fundos.

"A conferência encerrou-se com a oração do reitor do Seminário Teológico de Dallas (conhecida escola antipentecostal], que intercedeu por Oral Roberts, pedindo ao Senhor que "o trouxesse ao arrependimento se ele estivesse errado". Não muito depois, Oral, em sua torre de oração, chamava Jimmy Swaggart ao arrependimento. Swaggart, em Baton Rouge, exigia o arrependimento de Jim Bakker e Richard Dortch. Pode ser que, com todas essas orações por arrependimento, algum líder olhe para dentro de seu coração e coloque-se na posição do publicano ao orar no templo: "Senhor, sê misericordioso para comigo, pobre pecador."

"Os cidadãos de Babel atingiram seu senso de poder através de sua avançada tecnologia. Havia inventado tijolos e argamassa. Então gabavam-se: não é somente Deus que pode fazer pedras, também nós o podemos. A tecnologia tornou-se o seu ídolo, e a adoraram.

"Em dezembro de 1985, participei de uma festa em Cabo Kennedy, na véspera do lançamento da nave Columbia. Ao encerramento da reunião, fui convidado a orar. Enquanto dirigia-me ao microfone, o diretor da NASA falou-me, em tom de piada: "Pregador, a NASA tem tudo sob controle, ore somente pelo tempo!" Aquele vôo foi adiado sete vezes antes de finalmente acontecer. O próximo vôo, três semanas mais tarde, foi o do ônibus espacial Challenger, que explodiu 72 segundos após seu lançamento, matando seus 7 tripulantes. Naturalmente, a NASA não tinha tudo sob controle...

"Por 15 anos tenho estado intimamente associado a televangelistas da América e seus ministérios. Tenho captado,

portanto, algo do mesmo orgulho acerca da tecnologia, da prestação pessoal de contas, da habilidade na arrecadação de fundos — um orgulho que beira a arrogância.

"Por exemplo, um arrecadador de fundos profissional, que se tornou rico escrevendo cartas de apelo, contratado por dezenas de ministros, gabava-se em uma recente reunião evangélica de que levantar fundos era uma simples questão de demografia; como companhias de seguro, que, sabem quantas pessoas morrerão este ano, só não sabem quem.

"Da mesma forma, pessoas que arrecadam fundos sabem que enviando cartas de apelo a certos grupos demográficos conseguirão determinado montante de entradas. Esse profissional zombava de alguns de seus próprios clientes, ministros que acreditavam no milagre ao verem chegar o dinheiro dos doadores — assim como crer que é um milagre o aparecimento do sol a cada manhã.

"Lembro-me do dia em que certo homem influente de um dos maiores programas evangélicos de TV demitiu-se e veio a mim, chorando. Dizia-me que não tinha mais estômago para agüentar a hipocrisia e blasfêmia que há por detrás da arrecadação de dinheiro. Duas vezes por mês, acrescentou ele, sentavam-se no escritório do televangelista, rindo a respeito do próximo meio que usariam para levantar fundos. O último caso foi o de uma campanha pelo correio usando cartas-certificados mencionando que, enquanto o televangelista estava orando pela tal irmã (nome da destinatária), Deus havia falado a ele para escrever-lhe uma carta 'pessoal' dizendo que, dependendo da importância a ser doada: 25, 50, 100 ou 1000 dólares, o Senhor a agraciaria com bênçãos especiais.

"Isso não é nada mais nada menos do que uma cópia da prática da venda de indulgências usada na Era das Trevas. Deus extirpou aquela prática com o tremor poderoso da Reforma Protestante. Igualmente, na Torre de Babel confundiu as línguas (e doutrinas), de modo que mesmo hoje os cristãos têm problemas de comunicação.

"O mesmo tremor sacode a Igreja nestes dias. Precipitado pelo escândalo sexual do PTL, foi meramente o estopim que Deus usou para detonar a sua bomba. Uma vez que há envolvimento de ministérios altamente conhecidos, e que vivemos na era da comunicação instantânea, a atuação de Deus é revelada por meio

do noticiário noturno da TV, ao invés de levar duas gerações até o povo tomar conhecimento.

"Há, também, o problema do exclusivismo. Em seu apelo financeiro por carta, Jimmy Swaggart escreve: 'Nós somos o único ministério envolvido com a evangelização mundial.' Na verdade, ele tem sido grandemente usado na evangelização do mundo, mas é seu o 'único ministério'? E a JOCUM, a Cruzada de Jovens Para Cristo, a Convenção Batista do Sul, e tantos outros ministérios que não nos bombardeiam com insistentes apelos financeiros?"

"Meu livro Jesus World enfoca os perigos inerentes aos grandes ministérios. O livro não se tornou popular, pois apelou aos líderes no sentido de retornarem aos métodos e estilo de vida simples de Jesus, submetendo-se uns aos outros ao invés de viverem como reis e ditadores. Poucos desejam o estilo de vida de David Mainse, de Toronto. Mainse resolveu morar em um apartamento do centro da cidade, de modo que possa estar perto do povo a quem ministra. Há ocasiões em que usa a sua bicicleta para ir ao trabalho, a fim de testemunhar ao povo ao longo das calçadas. Que Deus nos dê mais homens iguais a ele, e menos que vivam como reis, recebendo enormes salários e operando com despesas sem limites, enquanto proclamam seus apelos tipo: 'Gastamos nosso último centavo em missões e precisamos de mais dinheiro.'

"O propósito da Torre de Babel era o de controlar o povo, separando os que permaneciam leais a uma ideologia e a uma exclusiva doutrina. Os homens estão constantemente dizendo: 'Somente eu estou fazendo a vontade de Deus.' Ao dizerem tal coisa, estão dando a entender que todos os outros estão fora da vontade divina. Paulo adverte-nos contra isso: '...ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro. Pois quem é que te faz sobressair?' (1 Co 4.6b-7a.)

"Devemos, no entanto, ser cuidadosos no julgamento. Oral Roberts, comentando o caso Jim Bakker, acrescentou que o perdoava, pois desejava ser perdoado também. Esta é a essência do que Jesus falou em Mateus 7.1: "Não julgueis para que não sejais julgados."

"Repito outra vez: Deus tem vindo e está andando entre nós. Ele não está satisfeito com a nossa omissão nas obrigações pessoais de evangelizar — ao invés disso, contribuimos para

grandes ministérios. Damos contribuições a Jerry Falwell para construir seu lar para mães solteiras, ao PTL para seu lar de crianças defeituosas, a Jimmy Swaggart a fim de que possa sustentar missionários da Assembléia de Deus, à CNB Operation Blessing para alimentar os famintos. Todos são ministérios válidos. Mas Deus quer que cada um de nós se envolva. Deveríamos certas vezes trazer os necessitados à nossa casa, deveríamos estar evangelizando. e, não, simplesmente passando essa responsabilidade a um televangelista. Deus está-nos forçando a voltar às nossas igrejas locais, o único lugar onde o ministério real — o pessoal — pode ter lugar.

"O dia em que comecei a escrever este artigo, recebi um telefonema de um porta-voz de Jerry Falwell. 'Aguarde um outro escândalo a estourar nas próximas semanas', advertiu-me. As implicações seriam tanto sexuais como financeiras.

"Não levou duas semanas e alguém do novo conselho do PTL teria supostamente dado novas informações à imprensa. Os Bakker, sozinhos, angariaram 1.6 milhões de dólares em salários e bônus. Falwell, já ciente do que viria à tona, expressou estar chocado e prometeu pôr o PTL em ordem.

"Falwell novamente surgiu como o herói. Seu salário, revelou, era de apenas 100.000 dólares. Omitiu, porém, os benefícios extras, altos benefícios que todo televangelista recebe calado, mas que os Bakker ingenuamente revelaram.

"Novos destroços surgiram na torre. Em abril, Tammy Sue, a filha de 17 anos dos Bakker, fugiu para casar sem o conhecimento ou consentimento dos pais. Então, o estouro final: Bakker, desesperado, pedia para ser reintegrado em seu cargo, mas, ao invés disso, seu salário foi totalmente cortado.

"A bela cidade — Heritage USA ² — construída sobre a areia como a antiga Babel, estava à beira do colapso. Diante de tudo isso, muitos ficaram imaginando se o PTL, incluindo a Heritage USA, sobreviveriam. Na verdade, muitos, inclusive eu, estão perguntando: 'E deveriam sobreviver?'

"O que aconteceu ao Logos Internacional, a maior companhia publicadora carismática, em 1981, provou que nenhuma

² Heritage USA: um tipo de "Disneyworld evangélica".

instituição é sagrada. Poderia acontecer novamente, e em proporções ainda maiores. Afinal, Deus sempre impulsionou a sua obra, agindo — e muito bem — muito antes do aparecimento da televisão.

"Deus levanta inimigos para destruir coisas com as quais não concorda, e negocia com esses inimigos. Resumindo: Deus está purificando a sua Igreja.

"Minha opinião é que, a despeito do grande tremor, a Igreja está vivendo os seus grandes dias na História. Nunca, em tempo algum, o povo de Deus tem atraído tanta atenção! Por semanas intermináveis, jornais e revistas estão publicando algo a respeito dos cristãos. Repórteres não somente estão visitando igrejas no país, mas também têm sido designados por seus editores para fazê-lo.

"A despeito da tristeza que envolve o pecado — ainda mais quando homens cristãos expõem-se diante dos incrédulos — o povo está observando. Coisas escondidas estão vindo à tona e isto trará cura.

"A televisão tem sido o maior meio de difusão do evangelho desde a invenção da imprensa. Porém, com grandes oportunidades vêm grandes responsabilidades. Este é o tempo de prestação de contas! Deus está examinando os livros. Aqueles que gostam de aparecer em público estão sendo julgados em público. O Senhor tem entrado novamente no Templo e virado as mesas dos cambistas. Seu Espírito está soprando através de seu reino, limpando e purificando. Como sempre, o resultado final será: formar um povo à imagem de seu Filho e trazer glória a ele.

"Tudo o que está acontecendo tem uma razão: revelar a soberania de Deus. Afinal, ele é um 'fogo consumidor... removendo o que está abalado... para que as cousas que não são abaladas permaneçam' (Hb 12.27,29).

"'Deus está espremendo um furúnculo', disse-me Oral Roberts. 'Não tente detê-lo. Deixe todo o carnegão sair.' São palavras de sabedoria, pois, tão logo as impurezas se forem, a saúde virá."

Ora, o que Jamie Buckingham diz no seu artigo é apenas o que aparece aos olhos dos observadores. Mas o que será que há por "baixo do pano"? E como é que Deus vê tal situação?

No nosso país estamos vendo aparecerem as pontas dos primeiros icebergs. O mesmo comportamento-padrão verificado nos Estados Unidos vem-se manifestando. Pessoas com personalidade forte e capacidade de comunicação abrem "igrejas" e tornam-se os proprietários delas. Seus ministérios são um ótimo negócio. Elas têm liberdade total para fazerem o que desejam e quando desejam. Nada nem ninguém está acima delas no ministério. Não há vozes de advertência ao redor delas. E toda e qualquer palavra discordante é logo rejeitada e a pessoa que a falou é afastada.

Além disso a própria maneira como a filosofia de trabalho dessas pessoas se desenvolve já evidencia que falta sobriedade e saúde nos seus ministérios. Eu ousa afirmar que toda e qualquer pessoa que fala e pede dinheiro publicamente sem constrangimento tem um "quê" de enfermidade moral. Eu não vejo nos evangelhos nenhuma prática de Jesus que justifique reunir as multidões para pedir dinheiro ou qualquer coisa. Em Jesus o que vemos é as multidões se ajuntarem para receber (Mc 6.37). É contra a própria filosofia cristã que um ministério evangelístico sobreviva pedindo dinheiro do povo a que evangeliza. Mesmo no nível da igreja local, Paulo trata da questão financeira com muita discricção (2 Co 8.19-21). Inclusive, sobre este assunto, recomendo a leitura do meu livro Uma Graça que Poucos Desejam (Editora Vinde).

Sinto perplexidade quando vejo as pessoas acabarem de pregar na televisão e então passarem a pedir dinheiro ao mesmo público ao qual acabaram de evangelizar. É verdade que há o argumento de que muitos cristãos assistem também e podem ajudar. Mas há, sobretudo, um grande número de não-cristãos que assistem e ficam vacinados contra o evangelho.

Na Associação Billy Graham informaram-me que eles pedem dinheiro três vezes por ano na TV, após a veiculação da gravação de uma cruzada, e que esse pedido dura um minuto e meio, sendo que, na maioria das vezes, nem se fala nada, apenas aparecem os dizeres na televisão. O resto do levantamento de fundos é feito por carta e dirigido a cristãos que manifestam o interesse de contribuir.

Talvez seja essa uma das razões pelas quais o ministério de Billy Graham continua tendo crédito e honra. A maneira como ofertas são levantadas em muitos dos salões de cura e milagre no Brasil é simplesmente escandalosa. Não há controle. Os recursos vão diretamente para as mãos dos que levantaram as ofertas. Não é de estranhar que "pastores" assim auto-intitulados nesses grupos vivam um padrão de vida inexplicavelmente elevado.

Na revista Kerigma nº 8, preocupado com o que já tenho visto aparecer no Brasil como sintoma de uma crise semelhante à americana, escrevi um artigo intitulado "Síndrome de Bakker". Acho que no contexto deste livro vale a pena transcrevê-lo.

A SÍNDROME DE BAKKER

Nos últimos meses, mais do que em qualquer outro período deste século, o mundo tem estado boquiaberto com os chamados "escândalos evangélicos". Mesmo o apoio da igreja institucionalizada alemã ao nazismo de Hitler, chocou menos do que os desastres morais de Jim Bakker e Jimmy Swaggart. Quando a instituição religiosa apóia um regime iníquo, a iniquidade se torna difusa, justamente porque é impessoal. Afinal, todos dizem foi a "Igreja" a responsável ou a omissa. E essa generalização enfraquece a acusação. A culpa de todos não é de ninguém. Freud explica. Mas, quando os escândalos são promovidos por pessoas que encarnavam um certo estereótipo moral e ideológico, então a energia liberada pela "bomba" é extremamente mais destruidora.

O pior é que certamente o desastre não parará aí. Tem boi na linha. E mais, no Brasil já há indícios bastante significativos de que a "Síndrome de Bakker e Swaggart" está presente em alguns "franco atiradores" ditos evangélicos.

Os Sintomas da Síndrome

É fácil diagnosticar a Síndrome. Os sintomas são basicamente os seguintes:

- 1) personalidade extravagante e indiscreta;
- 2) espírito de messianismo individualizado;

- 3) discurso vazio de reflexão intelectual, porém cheio de afirmações pragmáticas sobre o certo e o errado;
- 4) auto-oferecimento como referência de justiça cristã;
- 5) extrema autonomia na gestão dos "negócios" do ministério;
- 6) personalismo afirmado em todos os segmentos do ministério;
- 7) incapacidade de ouvir conselhos;
- 8) proprietário dos bens do ministério;
- 9) triunfalismo moralista promotor de esmagamento sobre os de comportamento débil;
- 10) nenhum constrangimento em levantar a toda hora coletas S.O.S. para "sustento da obra".

Os Elementos de Alimentação da Síndrome

Quando esses sintomas aparecem ao lado de outros, então é porque a coisa é séria.

Dentre os elementos que promovem o desencadeamento da "Síndrome de Bakker e de Swag-gart", há os seguintes:

1. Isolacionismo: sempre que você vir pessoas em posição de liderança cristã vivendo condicionadas pelos dez sintomas já mencionados, e que, ao mesmo tempo, são incapazes de fazer amizade, de conviver com os irmãos e de se submeter a eles, então saiba que aí há um candidato ao desastre.

2. Ativismo: toda personalidade propensa a liderar é também inclinada ao ativismo produtivista. E é aí que reside um dos mais sutis perigos. Como é que alguém pode renovar sua mente e emoções tendo que fazer programas diários de televisão, rádio, etc? Como é que tal pessoa encontrará tempo para ouvir seu próprio coração bater? Como é que encontrará oportunidades necessárias à reciclagem conceitual, teológica e relacional?

O ativismo vulnerabiliza ainda mais a nossa já vulnerável humanidade. Se uma mente desocupada é oficina de Satanás, uma mente extenuada é a usina do demônio.

3. Legalismo: o ditatorialismo comportamental tem sido a regra do discurso de muitos dos nossos "líderes de proa". Ainda não aprendemos que proibições legalistas do tipo "não pegue nisto, não toque naquilo, não prove aquilooutro" têm apenas a beleza da forma do moralismo, mas não têm nenhum valor na hora em que o seu pregador tem que enfrentar as paixões do corpo, a sensualidade. E mais:

"Assim que ninguém julgue vocês pelo que comem ou bebem, ou por causa dos dias santos, ou das festas de lua-nova, ou dos sábados. Tudo isto é apenas sombra daquilo que virá. A realidade é Cristo." (Cl 2.16,17.)

4. Superespiritualidade: toda espiritualidade que se autopromove já tem um "quê" de adoecida. Quando ouço pessoas começando a falar de si próprias como se fossem uma "outra pessoa", um personagem, já me aflijo. Muitos dos líderes investidos de carismas, e que tanto enfatizam e brigam contra as chamadas igrejas frias, precisavam começar a estudar o que Paulo diz sobre a interdependência dos membros do Corpo de Cristo, após afirmar a realidade dos dons espirituais:

"Porque o corpo não é feito de uma parte só, mas de muitas. Se o pé disser — Porque não sou mão, não sou do corpo — nem por isso deixa de ser do corpo. Se o ouvido disser — "Porque não sou olho, não sou do corpo. Se o corpo todo fosse olho, como poderíamos ouvir? E se o corpo todo fosse ouvido, como poderíamos sentir cheiro? Assim, Deus colocou cada parte diferente do corpo como ele quis. Se o corpo todo fosse uma parte só, não existiria corpo! Assim, há muitas partes, mas um só corpo." (1 Co 12.14-20 — BLH.)

Os virtuosos que autopropagam suas virtudes estarão sempre a um passo da ruína. Não há apelação! Quem se torna juiz de todos será sempre julgado pelo eco de sua própria voz.

Os escândalos atuais são duplamente escandalosos. Em primeiro lugar porque o patrimônio referencial por excelência que possui um pastor é a qualidade moral, emocional, psicológica e espiritual de sua vida. Jesus mesmo disse que quando o sal se mostra insípido "para nada mais presta senão para ser pisado pelos homens". Daí um pastor — sobretudo ele — não poder sair pedindo indulgência para seus atos. Quem se arroga a ser mestre da vida tem que viver com níveis mínimos de saúde moral e psicológica. Ou então não ensine, mas tenha o bom-senso de assentar-se para ser ministrado e receber cura.

Tiago mesmo diz:

"Meus irmãos, muitos de vocês não devem se tornar mestres na Igreja, porque sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor do que os outros." (Tg 3.1 — BLH.)

A segunda razão por que os escândalos do momento são mais escandalosos do que de costume, é que têm sido gerados por pessoas sem clemência com atos semelhantes quando praticados por outros. Aliás, foi isso que uma repórter do Jornal do Brasil colocou quando me entrevistou sobre o assunto: "Como é que você explica que pessoas tão intransigentes e reacionárias com coisas mínimas possam praticar atos dessa natureza?"

Nossa oração e esperança é que as imagens desses desastres passem. É também nossa expectativa que os pregadores free lancer aprendam os riscos de se viver com "excessiva liberdade eclesiástica". E ainda, nosso anseio é que os legalistas aprendam que é somente a força de Deus que pode manter alguém "de pé".

Que Deus nos ajude a vivermos sem o cinismo e a frouxidão dos liberais e sem estreitamentos neurotizantes dos legalistas.

"Assim, aquele que pensa que está de pé é melhor ter cuidado para não cair." (1 Co 10.12 — BLH.)

Com temor e tremor!

Pessoalmente peço a Deus todos os dias que tenha misericórdia da minha vida, que segure minha mão, que me dê senso crítico e autocrítico, que me ajude a viver com bom-senso, a fim de que eu não seja motivo de tropeço, tendo a vida dominada pela Síndrome de Lúcifer.

Capítulo 6

COMO A IGREJA DEVE ENFRENTAR A SÍNDROME

Alguém disse que quem não aprende com a História, corre o risco de repetir os mesmos erros que outros cometeram no passado. Por isso Judas menciona a base histórica a fim de neles estribar bem seus arrazoados. Ele diz:

"Vós, porém, amados, lembrai-vos das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de vosso Senhor Jesus Cristo, os quais vos diziam: No último tempo haverá escarnecedores, andando segundo as suas ímpias paixões.

"São estes os que promovem divisões, sensuais, que não têm o Espírito." (Vv. 18 e 19.)

Michael Green nos lembra: "O esquecimento do ensino e das advertências de Deus na Escritura é uma das causas principais da deterioração espiritual."

De fato o que Judas estava dizendo aos seus leitores é que nada há de novo em qualquer apostasia que já não tenha sido previsto.

O apelo ao ensino apostólico era equivalente a se evocar, na atualidade, todo o ensino do Novo Testamento como autoridade para julgar o certo e o errado na existência e em matéria de filosofia de vida.

Quando Judas diz que os apóstolos já haviam falado daquela situação, certamente que ele se recordava de textos como Atos 20.29,30:

"Porque sei que depois que eu for, aparecerão lobos ferozes no meio de vocês, e eles não terão pena do rebanho. E chegará o tempo quando alguns de vocês contarão mentiras, procurando levar os irmãos para o seu lado." (BLH.)

Ou mesmo é provável que ele estivesse se lembrando das advertências de Paulo nas duas cartas a Timóteo:

"O Espírito de Deus diz claramente que, nos últimos tempos, alguns abandonarão a fé. Eles obedecerão espíritos enganadores e ensinos de demônios. "Esses ensinos vêm de homens hipócritas e mentirosos, que têm a consciência morta como se ela tivesse sido queimada com ferro em brasa. Esses homens ensinam que é errado casar, e que é errado comer certos alimentos. Mas Deus criou esses alimentos para serem comidos pelos que crêem e conhecem a verdade. Porém, antes de comer, que façam oração de agradecimento." (1 Tm 4.1-3 — BLH.)

"Lembre-se disto: Nos últimos dias haverá tempos difíceis." (2 Tm 3.1 — BLH.)

De qualquer forma o que o "irmão de Tiago" tinha em mente era o fato de que aquela Síndrome não era nova. E ainda: que a síntese de todo o problema se resumia na realidade de que aqueles dissimuladores eram pessoas que viviam uma espécie de existencialismo religioso, buscando autenticarem-se mediante atos autônomos da vontade, realizando assim um projeto de vida "segundo as suas próprias paixões" (18). Esses, segundo Judas, são os sensuais que, animados pela sua própria carne, vivem para

fazer seus próprios desejos. Por isso mesmo é que onde eles estão as divisões eclesiásticas acontecem, pois eles têm taras que se manifestam também na realização de todos os seus desejos egoístas, inclusive no que tange a não abrirem mão de nenhuma chance que tenham de fazer sua própria vontade, mesmo que seja às custas da unidade do Corpo de Cristo.

Além do mais, esses dissimuladores são também escarnecedores. A idéia é a de que eles riam-se daqueles que julgavam errada a teologia deles; e que a atitude deles frente a esses cristãos sérios era a da zombaria. Em outras palavras, eles diziam que aqueles cristãos metidos a santos eram muito "escrupulosos", "antiquados" e "puritanos". Mas eles, ao contrário, já eram cristãos emancipados, superiores e progressistas. Gente do tipo que só enfatiza a boa motivação e que não leva a sério aquilo que se possa fazer com o próprio corpo. Esses são aqueles que em nome da liberdade cristã entregam-se à libertinagem e à sensualidade.

Nos nossos dias o problema nada tem de relação com aquele que, do ponto de vista imediato, afligia a Judas. Ele lidava com o dualismo do gnosticismo cristão insipiente, que alegava que a salvação da alma é o que importa, e que aquilo que o homem faz com o seu corpo não vem ao caso, pois forçosamente a matéria há de perecer. "Para eles aqueles que se preocupavam com a pureza sexual pareciam excessivamente ingênuos", diz o Dr. Green.

Entre nós o enfraquecimento das noções de pureza pessoal passam pela excessiva ênfase que alguns grupos estão dando à questão social. Sem dúvida que essa exagerada preocupação com o social é resultado de séculos de alienação evangélica em relação ao problema da dor e da carência concreta do ser humano. No entanto, no presente, muitos estão concentrando toda a sua atenção na questão da visão e do compromisso social. Assim é que para tais pessoas todo e qualquer discurso que fale do indivíduo, da pessoa, da alma e do comportamento sexual, é encarado como individualista e ideologicamente vinculado à estrutura dos valores capitalistas, sendo, portanto, afirmadores dos padrões de comportamento individual da burguesia.

Pessoalmente conheço pouquíssimas pessoas que têm sabido equilibrar em sua vida a tensão entre a santidade individual e a busca pela justiça social. Não estou sugerindo que sejam coisas

incompatíveis em si mesmas, mas que as pessoas é que são imaturas e extremadas. Normalmente vejo que aqueles que se entregam radical e polarizadamente à busca da justiça social acabam minimizando as implicações e o valor do comportamento moral individual, como se fossem ninharias subjetivas dispensáveis. Conheço mesmo alguns que passaram da afirmação de que a santidade individual era tolice, para a ridicularização daqueles que a praticavam, até que, eles mesmos, tornaram-se impuros e "entregues às suas ímpias paixões".

Todavia, não é porque existe o risco da centralização numa só questão que vamos deixar de tentar viver todas as dimensões do conselho de Deus. O importante é que saibamos nos dedicar à dimensão social da fé sem detrimento da sua dimensão individual e comportamental.

Uma vez lembrada a base histórica do compromisso da Igreja com as doutrinas apostólicas, Judas passa adiante mostrando aos seus leitores imediatos quais eram as atitudes que neles deveriam existir, a fim de que pudessem enfrentar e vencer a avalanche da Síndrome de Lúcifer.

A IGREJA PRECISA SE FUNDAMENTAR NA HERANÇA SANTA DA FÉ

Judas começa dizendo como é que a Igreja deveria enfrentar a situação: "Edificando-vos na vossa fé santíssima." (Verso 20.)

O único muro de arrimo a ser edificado contra a Síndrome de Lúcifer é aquele que se estriba "na fé santíssima".

Na construção da frase de Judas percebe-se que a fé tem perspectivas nas quais a Igreja deveria crescer.

O CONTEÚDO DA FÉ

Diz-se que era preciso que a Igreja se edificasse na fé. No entanto, nada nos fica claro a menos que perguntemos: que fé é essa?

No Novo Testamento a fé aparece em alguns níveis e perspectivas diferentes.

1. A fé como confiança: com esse sentido, a palavra fé aparece muitas vezes, especialmente nos evangelhos e nos textos relacionados à salvação (Mt 8.10; 9.2; 15.28; 17.20; Mc 9.24; Rm 1.17; 2 Co 5.7).

2. A fé como sistema de verdades: nessa perspectiva a palavra é usada especialmente nas cartas de Paulo, ainda que o uso não se restrinja a elas (At 6.7; 8.13; Rm 1,5; 2 Co 13.5; Gl 1.23; Fp 1.27; Cl 1.23; 1 Ts 3.5).

3. A fé como atitude de resistência frente à dor: em função desse sentido fala-se na perseverança, na fidelidade e na firmeza daqueles que não desistem do cristianismo mesmo frente à tribulação, à perseguição e às privações (1 Co 16.13; 1 Tm 3.13; 6.12; Hb 11.33-38).

4. A fé como comportamento coerente com o discurso cristão: nesse rumo há os textos que falam da fé no nível da congruência entre o que se sabe ser a verdade e a vida que se leva; é a integração entre ortodoxia e ortopraxia, isto é, a correção dos erros (Gl 6.10; Ef 1.15; 1 Ts 1.3; 1 Tm 1.5; 1.19; 4.12; 5.8).

Pois bem, esse é o conteúdo da fé com a qual se vence a Síndrome de Lúcifer.

A NATUREZA DA FÉ

Judas diz que se trata da "fé santíssima". Com isso ele está-nos ensinando que essa fé é totalmente diferente, inteiramente colocada à parte de todas as demais noções e práticas de "fé". A fé cristã é santíssima porque ela é diferente — tanto no conteúdo teológico quanto nos seus postulados — de todas as outras expressões de fé religiosa.

A "fé é santíssima" porque ela é sem igual no seu bojo, bem como na transformação que opera. A verdadeira pregação cristã deve fazer nascer a fé santíssima que opera profundas alterações de valores existenciais e de vivências morais nos seus ouvintes.

A VIVÊNCIA DA FÉ

Se a fé cristã tem um conteúdo definido e se possui também uma natureza inimitável, especialmente nos resultados que produz,

no entanto ela só pode ser vivenciada em plenitude de saúde no espaço das relações fraternais e comunitárias. Por isso Judas usa pronomes pessoais nas suas formas plurais: "vós e vossos". Ele diz:

"Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima..."

A fé foi entregue uma vez por todas aos santos, não a um santo.

Dessa forma tem-se um excelente critério em função do qual se pode avaliar a saúde da fé de quem quer que seja. Isso porque todo exclusivismo individualista e separatista é patológico e contaminador. O exclusivismo sempre atinge de maneira profunda o próprio homem que o vive, mais do que aqueles dos quais se separa em razão do seu intento individualista.

No Novo Testamento, todas as noções da fé são comunitárias e todas as figuras relacionadas à sua vivência são plurais, coletivas, orgânicas e sociais:

O corpo de Cristo (1 Co 12.12)

A oliveira da História (Rm 11.17-24)

O edifício de Deus (1 Co 3.10; 1 Pe 2.4,5)

A nação santa (1 Pe 2.9)

O sacerdócio real (1 Pe 2.5,9)

As pedras vivas (1 Pe 2.5a)

A família da fé (Gl 6.10; Ef 2.19; 3.15)

A fé que vence o mundo é aquela que afirma que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que se manifestou num corpo concreto na História, a fim de destruir as obras do diabo (1 Jo 5.5; 4.2-4). Porém essa fé não é de um, mas de muitos, e deve ser vivida no espaço das relações humanas na comunidade dos discípulos, a Igreja.

Pessoalmente questiono todas as manifestações da fé que fogem da vida eclesial ou que negam a importância imprescindível de se viver os mandamentos da mutualidade. Judas

usa um mandamento de mutualidade, de exortação e admoestação que só é possível em meio aos vínculos comunitários.

A fé cristã tem, portanto, conteúdo teológico, natureza santa e espaço vivencial: a Igreja e a sociedade humana.

A IGREJA DEVE ALERTAR-SE ACERCA DA NECESSIDADE DE LUTAR EM ORAÇÃO

O modo como Judas afirma isso é o seguinte: "Orando no Espírito Santo."

A prática da oração é um referencial essencial da saúde para qualquer vida espiritual. Além disso, o enfrentamento da batalha contra os dissimuladores não se vence com conversa, nem com discussão, nem com expurgos, mas com oração e intercessão.

Vivemos um tempo no qual a oração perdeu seu sentido para muita gente dentro da Igreja.

Somos uma igreja que não ora, ou que ora muito pouco.

Há algumas comunidades cristãs que oram sistematicamente, porém sem objetividade e fé na eficácia espiritual da oração. A maioria das pessoas que conheço ora, sem orar. Isso porque não crêem de fato que suas preces sejam ouvidas. Há uma espécie de deísmo emocional no meio cristão; ou seja, uma atitude diante da oração equivalente à convicção de que Deus criou o universo e se ausentou de vez dele após havê-lo acabado.

Especialmente nas confissões de fé atingidas pela teologia liberal estirpou-se o valor e a relevância da oração.

Há cristãos "avançados" que negligenciaram a oração por acharem-na muito abstrata e inconstante. Em função da redescoberta da teologia da imanência, da proximidade da graça divina — após anos de excessiva transcendência e distanciamento — caiu-se num outro extremo: aquele que afirma que a única oração que interessa a Deus é aquela que o corpo faz quando serve o próximo; que o único gesto de joelhos dobrados que agrada a Deus é aquele que se realiza no ato da genuflexão para ajudar o próximo caído a levantar-se; e que o único encontro de mãos súplicas que agrada a Deus é aquele que resulta do encontro das mãos de duas pessoas numa passeata de protesto contra o abuso que é infligido sobre a existência humana.

A oração é a guerrilha do Espírito.

A oração é a subversão do Reino de Deus.

A oração é uma conspiração do homem com Deus.

A oração é a estratégia do General da Vida.

A oração é um acerto de parceria com o Mais Valente.

A oração é a lícita desigualdade na hora de medir forças com o inimigo.

A oração é a artilharia do céu na luta com o inferno.

A oração é o melhor argumento do crente diante de Deus.

A oração deve ser a chave que abre a porta do dia e a tranca que fecha a porta da noite.

A oração deve ser o que vem antes, durante e no fim da vida.

Judas nos diz que nossa oração deve ser no "Espírito Santo". O que vem a ser este "orar no Espírito"? Michael Green nos diz:

"Alguns sugerem que orar no Espírito Santo designa a oração em línguas." Se for assim isso é sugerido de modo muito obscuro. O homem que tem o Espírito de Deus dentro dele (ou seja, todo cristão, Rm 8.9), o homem que é dirigido pelo Espírito Santo nas suas orações como em tudo o mais (Gl 5.18), certamente orará no Espírito. É ele que pronuncia dentro de nós o modo distintivo cristão de chamar Deus de Aba ou Pai (Rm 8.15)."

Pessoalmente creio que se "batêssemos menos boca", se agredíssemos menos aqueles com os quais não concordamos, e orássemos mais no Espírito, de duas, uma coisa aconteceria: ou os oponentes da fé se converteriam ou se manifestariam de modo tão óbvio como ridículos que deixariam de ser um perigo para quem quer que fosse.

**A IGREJA DEVE DEIXAR-SE SEDUZIR SOMENTE PELO AMOR
DE DEUS A FIM DE NÃO SER INFIEL**

Agora Judas diz: "Guardai-vos no amor de Deus." É interessante observar em que perspectivas esse tema do amor de Deus aparece no contexto dessa carta do "irmão do Senhor".

Foi justamente a falta de amor a Deus o que deflagrou a Síndrome de Lúcifer nesses dissimuladores. Eles amaram tanto a si mesmos que se esqueceram de Deus e do seu amor. Essa reflexão sobre o amor de Deus tem duas implicações:

1. É possível virar as costas ao amor de Deus. A própria epístola de Judas já atesta esse fato. Os dissimuladores foram objeto do amor de Deus, como de resto tudo e todos os que dele se afastaram arrogantemente. Não teria Lúcifer sido objeto do amor de Deus? Acaso Deus já criou qualquer coisa ou pessoa que não tenha sido objeto do amor criador? É claro que não. Todavia, a história inteira das criaturas inteligentes do Cosmos nos mostra que é possível, de fato, que alguém rejeite o amor divino. E essa realidade torna o culpado mais culpado ainda.

2. O amor de Deus deve sempre equivaler a amor a Deus. É particularmente interessante que no verso 1 Judas tenha dito que aqueles aos quais ele estava escrevendo tinham sido objeto do amor de Deus que chama os homens. Afinal eles eram "chamados e amados" (verso 1). No entanto, esse amor divino pelo ser humano deve ser correspondido. Jesus mesmo nos disse:

"Se guardardes os meus mandamentos permaneceréis no meu amor." (Jo 15.9.)

O apóstolo João bidimensiona nossa relação com o amor de Deus quando diz:

"Nisto conhecemos o amor, em que deu a sua vida por nós; e devemos dar a nossa vida pelos irmãos."
(1 Jo 3.16).

Estar "guardado no amor de Deus" é o mesmo que permanecer em obediência aos mandamentos de Deus revelados

em sua Palavra. E quando estamos aferrados ao nosso compromisso de amor para com Deus — que nada mais é senão uma resposta decorrente da nossa percepção do amor de Deus revelado no Homem Jesus — então cumpre-se em nós a poesia realista e inspirada de Paulo:

"Em tudo isto temos a vitória, por meio daquele que nos amou! Porque eu estou bem certo de que nada pode nos separar do amor de Deus: nem a morte nem a vida; nem os anjos nem outros governos ou poderes celestiais; nem o presente nem o futuro; nem o mundo que está em cima de nós, nem o que está embaixo. Em todo o universo não há nada que possa nos separar do amor de Deus, que é nosso por meio de Jesus Cristo nosso Senhor." (Rm 8.37-39 — BLH.)

Guardai-vos no amor de Deus!

A IGREJA DEVE AGARRAR-SE À MISERICÓRDIA DE DEUS A FIM
DE QUE O PASSADO NÃO SEJA PERDIDO E O FUTURO NÃO
SEJA ARRUINADO.

A esperança é um elemento essencial em toda e qualquer vida cristã que seja sadia. No entanto, essa esperança deve ser bidimensional. Ela tem que ter relação com o aqui e agora, mas também tem que ter a ver com o ali e além. Por isso Judas afirma a esperança integral como sendo imprescindível na conservação e preservação da alma, a fim de que o coração não perca o rumo certo da vida e a atitude com a qual se tem que enfrentar o presente e aguardar o futuro: "Esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna."

Primeiramente Judas diz que a esperança cristã se baseia na "misericórdia do nosso Senhor Jesus Cristo". Ora, as suas misericórdias não têm fim; renovam-se a cada manhã (Lm 3.22). O fato de termos esperança não é meramente existencial e resultante de uma irracional e infundada atitude de esperança. Ao contrário, nossa esperança se baseia no caráter de Deus, na sua fidelidade, no seu compromisso conosco, com a sociedade humana e com a História. Nossa esperança se calça no fato de que se estamos vivos e "em pé" é por causa da terna graça do nosso Deus. Nossa esperança se apega à certeza que temos de que somos aceitos por Deus como somos, a fim de que, paulatinamente — enquanto

crecemos no temor do Senhor — caminhemos para ser como ele deseja que sejamos.

O raciocínio do cristão esperançoso é o seguinte: "Se Deus é um Deus solidário e misericordioso, como sei que ele é, então posso crer que ele jamais me deixará sozinho na minha viagem da vida, E sei que chegarei aonde preciso, porque ele me sustentará em suas mãos."

Deus não sabe ser Deus, em relação aos que nele confiam, se não for um Deus misericordioso.

Em segundo lugar, Judas diz que a esperança cristã equilibra o presente e o futuro "esperando... para a vida eterna". Ou seja, a esperança cristã começa aqui e agora ("esperando", hoje), mas não se prende ao tempo e não se resume à história presente. A genuína esperança cristã aponta para a eternidade: "para a vida eterna". Atualmente observamos uma preferência por posições extremas no que se relaciona a essa questão. Há daqueles que são apenas seres da eternidade, pessoas para as quais tudo o que importa é a salvação da alma, a vida eterna. Tais pessoas — comumente como via de conseqüência — alienam-se do mundo presente, do cotidiano da vida, das tramas da existência, da dor do próximo, das questões políticas, das aflições sociais, das perplexidades coletivas. Por outro lado há daqueles que — geralmente por resistência aos alienados — entregam-se à idéia de que a esperança cristã é apenas a turbina existencial que nos move na direção de realizarmos parcialmente as grandes utopias humanas na História. Nessa perspectiva a esperança é tão somente um "dado existencial" necessário ao agir revolucionário. Para essas pessoas a vida eterna é banalizante e o discurso sobre sua existência é sempre considerado "alienante".

A Igreja só consegue vencer os dissimuladores quando se agarra à misericórdia de Deus com esperança, a fim de não perder o passado de vida cristã e não arruinar o futuro.

É imprescindível que se estabeleça esse equilíbrio na percepção da esperança cristã. Isso porque aqueles que só se preocupam com a eternidade acabam-se tornando vítimas das complexidades históricas da vida temporal; e aqueles que só se interessam pela vida presente tornam-se sempre presas da eternidade. Negar o mundo presente é pecar contra o Criador. Negar a eternidade é menosprezar o árduo trabalho do Redentor.

Quem consegue viver esse projeto de equilíbrio cristão, tanto se mantém livre de ser presa dos que dissimulam um cristianismo sem Cristo e salvação, como também tornam-se agentes de preservação da saúde espiritual de outros cristãos.

A IGREJA DEVE SER COMPASSIVA COM OS IRMÃOS QUE ESTÃO SENDO ILUDIDOS PELOS DISSIMULADORES

Em toda a história da Igreja houve mais hereges do que precisava ter havido. Digo isso porque há daqueles que se tornam hereges por opção de liberdade teológica e há daqueles que se tornam hereges porque não foram tratados com amor no início de suas dúvidas. Ao contrário, muitas vezes a Igreja trata de modo intolerante e rigoroso aqueles que estão claudicando na fé.

Judas, no entanto, aconselha uma atitude diferente daquela que muitas vezes os "fóruns eclesiásticos" têm tido com aqueles que estão começando a pensar fora do padrão:

"E compadecei-vos de alguns que estão na dúvida — salvai-os arrebatando-os do fogo." (Versos 22 e 23a.)

Compaixão é o que Judas sugere!

Compaixão é preciso. Se não fosse por nada deveria ser pelo menos pelo que Rubem Alves diz com extrema propriedade:

"Não nos esqueçamos... que a palavra "herege", bem como a palavra "ortodoxo", são palavras usadas por alguém. É evidente que os hereges não se definiram como hereges. Heresia é uma palavra que é pronunciada pelos ortodoxos. Aqueles que têm o poder para se definir como ortodoxos e para definir outros como hereges, são, evidentemente, aqueles que são mais fortes: os que podem prender, amedrontar, expulsar. Em outras palavras, aqueles que têm o poder para usar o mundo constituído pela linguagem como instrumento de poder."

Se houvesse amor, tolerância, paciência e diálogo, conseguiríamos reduzir significativamente o número de hereges; ou

porque a própria Igreja reconheceria que, em certos casos, aqueles aos quais ela julgava heréticos, eram, de fato, profetas; ou porque se concluiria que aqueles que pensam diferente são aqueles que trazem à luz novos temas para debate; ou porque se concluiria que aqueles que estão na dúvida querem crer na verdade, não na mentira, e o problema é apenas que as coisas para eles não estão tão claras assim. Enfim, com conversa e paciência "muitas heresias" são resolvidas. Porém, com radicalismo, mesmo aqueles que podem ser "arrebataados do fogo" acabam seguindo no caminho da dúvida, por terem sido maltratados. Nesse caso, quem é herege é a Igreja. Herege porque violou o maior dogma da fé, que é o amor a Deus e aos seres humanos (1 Jo 3.10,14; 4.8). Para um herege novo, melhor que um tribunal eclesiástico ou uma reunião de exame da fé, é um cafezinho numa roda de amigos interessados em ajudá-lo e com coragem de confrontá-lo em amor. E na hora dessa confrontação, amor e energia devem andar juntos. Foi Calvino quem disse: "Quando há perigo de incêndio, não hesitamos em arrebatar com violência aquele a quem desejamos salvar; pois não seria suficiente chamar com um sinal de dedo, nem bondosamente estender a mão." Porém essa afirmação de Calvino se realiza mediante o amor que quer salvar os que estão na dúvida.

Se tivéssemos tido amor e energia, algumas das melhores mentes do protestantismo brasileiro certamente não estariam fora daquilo a que chamamos de igreja evangélica. Com amor se acolhe a pessoa e com energia se enfrenta a idéia.

A IGREJA PRECISA MANTER-SE ENTRE A COMPAIXÃO E A SANTIDADE, ENTRE A INDULGÊNCIA E A DISCIPLINA, ENTRE O PECADO E O PECADOR

Agora Judas oferece aos cristãos e à Igreja dos seus sonhos a última base sobre a qual se pode erigir a defesa do indivíduo e da comunidade contra a infiltração dos dissimuladores, aqueles que se deixaram possuir pela Síndrome de Lúcifer. No entanto, para surpresa nossa, a recomendação do pastor-profeta Judas foi diferente daquela que faria qualquer pastor zeloso que eu conheça. Ele diz: "Quanto a outros (não os que estão na dúvida, mas os que põem outros na dúvida), sede também compassivos em temor, detestando até a roupa contaminada pela carne." (Verso 23.)

Meu particular amor pela revelação da Palavra de Deus na Escritura vem, também, dessa coragem dos homens bíblicos, que afirmam a verdade como tal, mesmo que ela tenha que ser vivida num terreno arriscado e perigoso. A verdade é verdade na planície e é verdade na beira do barranco íngreme; e quem quiser vivê-la tem que gostar da planície e não pode ter medo da altura, à beira do despenhadeiro.

Judas ordenou que a Igreja fosse compassiva com aqueles que eram como rochas submersas..., pastores que a si mesmos se apascentavam, nuvens sem água, árvores sem fruto no tempo de os haver, ondas bravias do mar e estrelas errantes. Que coisa!

E mais: Judas manifesta extrema confiança na ação da graça de Deus, ainda que fosse em relação àqueles que já "sabiam tudo", teoricamente, sobre ela. É verdade que é muito mais difícil haver conversão na vida daqueles que sabem muito sobre Deus e seu amor do que na existência daqueles que nada sabem. Pouca coisa é mais desgraçada do que a indiferente familiaridade com o Sublime. Todavia, mesmo assim, Judas acreditava na possibilidade de que os que sabiam muito — porém viviam na estupidez só entendida na vida dos que nada sabem — ainda pudessem se converter à verdade. Dessa forma ele encarna o padrão bíblico do servo do Senhor, que não deve contender, mas deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente; e que disciplina com "mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos para ele, para cumprirem a sua vontade" (2 Tm 2.24-26).

Nunca a disciplina e o desligamento de quem quer que seja deve ser efetuado a priori. A disciplina que se concretiza mediante a ruptura deve ser sempre a última medida a ser tomada, e somente quando as outras possibilidades já foram exauridas (Mt 18.15-21).

As vezes é muito difícil manter a fé na possibilidade de que certas pessoas venham a se converter. É muito complicado confiar na conversão de "teólogos" ou de pessoas "experientes" em assuntos da fé. No entanto, é preciso crer, como Judas cria, que a Síndrome de Lúcifer tem cura nos homens. Somente a

blasfêmia contra o Espírito Santo não tem perdão. No mais, não há pecado que Cristo Jesus não possa perdoar.

O que Judas está dizendo é que mesmo o mais radical e alienado herege deve ser tratado com amor, com compaixão. E essa compaixão deve ser ativa. Não deve ser um sentimento que se carrega no peito à distância, do tipo que faz as pessoas piedosas dizerem: "Ah, como tenho pena do... Gostaria tanto que ele se voltasse para Deus!" Não! A compaixão cristã não sabe assistir à distância a perdição dos outros. No mínimo ela é suficientemente ativa para tentar fazer alguma coisa. A compaixão que não nos faz realizar atos concretos de aproximação daquele pelo qual se está compadecido não é compaixão, é apenas um banal e dispensável sentimentalismo.

Alguns dos homens que mais me chocaram na vida cristã foram "pastores de si mesmos" e que viviam como "rochas submersas" afundando os pequenos barquinhos da fé dos crentes novos. As ações de alguns desses homens são de estarrecer a qualquer um. São atos nojentos, repugnantes. No entanto, tenho entendido que é preciso continuar crendo no poder efetivo de regeneração que a graça de Deus possui, de recuperar qualquer ser humano que não tenha pecado contra o Espírito Santo. E nessas horas temos que nos lembrar da ordenança de Judas: "Sede... (para com eles) também compassivos em temor."

Nenhum de nós pode viver aquele tipo de santidade que usa anti-séptico morai sem que também não esteja pecando; aquele projeto de santidade dos que dizem:

"Retira-te, e não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu. Estes são fumaça no meu nariz, um fogo que arde o dia todo." (Is 65.5 — BLH.)

A combinação bíblica é *compaixão* e *temor*: "Sede compassivos em temor." O temor dá sentido de santidade e de energia à compaixão; e a compaixão afasta o legalismo, o juízo e o acetismo comumente presente no temor. Sem temor a Deus o exercício da compaixão pode se transformar na prática de uma

solidariedade promíscua; e sem compaixão, o temor pode se converter em inflexibilidade desumana disfarçada de zelo.

Assim é que Judas passa a dizer que a compaixão pelo pecador não deve tirar de nós o ódio e a repugnância pelo pecado: "Sede compassivos... detestando até a roupa contaminada pela carne." Que coisa linda! O pecador deve ser amado; o pecado deve ser repudiado. Mas nós não temos sabido fazer assim. Parece que somos, quase sempre, vítimas de um maniqueísmo bipolariza-do, que vê apenas as duas posições opostas: ou amamos o pecador e aceitamos o seu pecado; ou odiámos o pecado juntamente com o pecador.

A proposta de Judas é que tenhamos um amor radical pelo pecador e uma atitude radical contra o pecado. É isso que significa ser compassivo para com eles, mas "detestando até a roupa contaminada pela carne". Com isso está-se dizendo que o pecado tem o poder de contagiar. Por essa razão a compaixão que visava levar aqueles que estavam dominados pela Síndrome de Lúcifer ao arrependimento, precisava ser praticada com cuidado, a fim de que, na intenção de salvar, ninguém se corrompesse. Mas era um risco que não se podia deixar de evitar, pelo menos naquela fase do processo. Mas há um estágio posterior quando somente a separação drástica pode ser recomendada:

"Aconselhe duas vezes aquele que causar divisões entre vocês e, depois disso, não se importe mais com ele. Porque você sabe que essa pessoa se corrompeu, e seus pecados provam que ela está errada." (Tt 3.10,11 — BLH.)

O que significa "a roupa contaminada pela carne"? Há um estreito paralelo na Escritura entre roupas sujas e o pecado. Assim é que a roupa do leproso deveria ser queimada (Lv 13.47-52); o pecado humano é comparado a trapos de imundícia (Is 64.6); e o ato de purificar o pecado é ilustrado por um trocar de roupas sujas por roupas finas e limpas (Zc 3.3,4). Além disso, o ser humano é convidado a apresentar-se diante de Deus com vestes morais limpas (Ap 3.4), purificadas pelo sangue do Cordeiro de Deus (Ap 7.14), sendo essas roupas também símbolo da retidão de caráter dos cristãos (Ap 19.8). Caso isso não aconteça, certamente aquele

que pensou ter sido o "furão" da festa do Reino acabará sendo posto para fora, por falta de vestes adequadas à natureza da celebração (Mt 22.11-13).

Isso posto, fica claro que quando Judas fala da "roupa contaminada pela carne" ele está-se referindo ao poder contaminador do pecado. Devemos ser compassivos com os que estão tomados pela Síndrome de Lúcifer, porém não devemos ser ingênuos, pois o pecado deles contamina.

Sobre isso o Dr. Michael Green nos diz:

"É coisa perigosa viver por Cristo numa atmosfera de falso ensino e de moralidade sedutora. É coisa arriscada procurar salvar homens para o evangelho, do meio de tal ambiente. Se você ficar perto demais do fogo, este o queimará; se você ficar perto demais de roupa contaminada pela carne, esta o maculará. A resposta é retirar-se, portanto? Não. Avance contra as forças do mal, enfrente os perigos envolvidos, posto que você está forte no poder do Senhor."

Por essa razão foi que dissemos que a Igreja e cada cristão individualmente têm que aprender a viver na tensão entre ser compassivo, sem deixar de ser santo; ser indulgente, sem abandonar a disciplina; amar o pecador, mas sem deixar de odiar o pecado.

Capítulo 7

A Prevenção da Síndrome:

DAR A DEUS O QUE LÚCIFER NÃO SOUBE DAR

O problema essencial dos seres inteligentes do Cosmos, e que se rebelaram contra Deus, é o problema da auto-elevação. Foi sempre assim. Desde Lúcifer — acerca de quem os profetas Isaías e Ezequiel nos falam, mostrando-nos as razões pelas quais ele caiu — que a crise básica dos seres autoconscientes é a da não aceitação alegre da condição de criaturas.

A Síndrome de Lúcifer é algo tão contagioso que os profetas falam de Nabucodonosor e do rei de Tiro, como sendo personalidades tão contagiadas pela Síndrome de Lúcifer que falar deles era equivalente a falar do que aconteceu ao próprio Lúcifer. Daí os intérpretes bíblicos ficarem, muitas vezes, confusos, sem saber se os textos proféticos se referiam a Lúcifer ou aos reis em questão. Todavia, o que se deve crer é que todo pecado de arrogância, auto-elevação, soberba e insubordinação procede do mesmo mal, metafisicamente falando. O que está por trás de toda atitude de autonomia da criatura em relação ao Criador é a Síndrome de Lúcifer. E essa realidade pode se manifestar nos anjos, nos homens em geral, nos grandes líderes do mundo, nas superpotências mundiais, nas instituições religiosas, na Igreja, nos mestres do saber teológico, nos grandes luminares da espiritualidade, etc.

Falando da queda de Babilônia, Isaías usa a linguagem da Síndrome de Lúcifer quando diz:

"Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!

"Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo." (Is 14.12-16.)

Ezequiel também usa a mesma linguagem para falar do mal que atingira o coração do rei de Tiro e aquela sociedade:

"Veio a mim a palavra do Senhor dizendo: "Filho do homem, dize ao príncipe de Tiro: Assim diz o Senhor Deus: Visto que se eleva o teu coração, e dizes: Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento no coração dos mares; e não passas de homem e não és Deus, ainda que estimas o teu coração como se fora o coração de Deus.

"Sim, és mais sábio que Daniel, não há segredo algum que se possa esconder de ti; pela tua sabedoria e pelo teu entendimento alcançaste o teu poder, e adquiriste ouro e prata nos teus tesouros; pela extensão da tua sabedoria no teu comércio aumentaste as tuas riquezas; e por causa delas se eleva o teu coração —, assim diz o Senhor Deus: Pois que estimas o teu coração, como se fora o coração de Deus, eis que eu trarei sobre ti os mais terríveis estrangeiros dentre as nações, os quais desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria, e mancharão o teu resplendor." (Ez 28.1-7.)

O profeta prossegue descrevendo o rei de Tiro, atingido pela Síndrome, até que, subitamente, ele volta o seu olhar para um tempo anterior, quando uma criatura de Deus se encheu de um narcisismo tão intenso, que amou a si mesma e à sua formosura mais do que a Deus e à sua glória:

"Veio a mim a palavra do Senhor dizendo:

"Filho do homem, levanta lamentações contra o rei de Tiro, e dize-lhe:

"Assim diz o Senhor Deus: Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura.

"Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a Safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado foram eles preparados.

"Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas.

"Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti." (Ez 28.11-15.)

A razão pela qual dissemos que o profeta dirigiu o seu olhar para um tempo anterior ao do rei de Tiro e até da própria criação da presente ordem de coisas, foi que ele passou a usar palavras e expressões que não se ajustam a nenhum ser humano na História. Essa criatura da qual Ezequiel nos fala foi um dia o "sinete da perfeição" (12), viveu no Éden em plena glória da criação mais original (13), foi querubim da mais elevada hierarquia espiritual (14), foi criado de maneira direta (15), e viveu em glória na presença de Deus, até que se encheu de narcisismo e autofascínio (17). Por causa disso foi "lançado por terra", ou seja, caiu (17b).

Como já dissemos anteriormente esse é exatamente o processo da Síndrome de Lúcifer, mesmo nas demais dimensões da vida onde ela se desenvolve. Para melhor constatação dessa nossa afirmativa mostrarei uma relação intrínseca que há entre a Síndrome e as suas conseqüências em outros segmentos da vida, obedecendo uma certa perspectiva de evolução do mal.

1. Lúcifer produziu a Síndrome (Is 14.12-14; Ez 28.11-15).
2. O ser humano foi atingido (Gn 3.1-6).
3. A sociedade humana foi contagiada (Gn 11.4,5).
4. Grandes líderes absorveram a Síndrome (Dn 4.1-28; Ez 28.1-7).
5. Os impérios dominadores foram possuídos pelo mal (Ap 18.7).
6. As instituições religiosas sucumbiram ante a influência da Síndrome (Ap 2.9; Jo 8.39-44).
7. A Igreja tem vivido momentos nos quais seus líderes (2 Co 11.13-15) e mestres (2 Pe 2.1-3) têm sido contagiados pelo espírito de insubordinação aos princípios absolutos de Deus, exatamente como aconteceu com Lúcifer no princípio.

Cada um desses segmentos da vivência inteligente do universo ou cada uma dessas instituições humanas, vive a Síndrome a seu próprio modo. Por exemplo, os impérios dominadores manifestam que o mal lhes habita através da auto-exaltação que os domina (Ez 27.3), do abuso das outras nações que se tornaram meras mercadorias (Ez 27.21), do estabelecimento de relações comerciais de exploração da matéria prima na troca desigual por produtos já manufaturados ou industrializados e vendidos a preços exorbitantes (Ez 27.9,12-19), da escravização das economias sob seu domínio (Ap 13.16,17), do estabelecimento de um estilo de vida social supérfluo e cheio de luxúria (Ap 18.3b, 7,9), e mediante a absolutização do Estado (Ap 13.7,8). Já as instituições religiosas manifestam que estão possuídas pela Síndrome de Lúcifer quando dão mais valor à receita financeira da instituição do que à santidade de Deus (Mt 23.16-21), quando colocam o ser humano abaixo de coisas e dias (Mt 12.1-4), quando as ações de Deus são sufocadas pelo silêncio que se impõe aos seus profetas (Mt 23.34,35), e quando o status na instituição é mais importante do que os movimentos do Espírito na História (Jo 11.47,48).

No entanto, por trás de todas essas expressões de hostilidade à vida e ao homem — manifestadas tanto pelas instituições religiosas como pelos impérios dominadores — há uma rebelião essencial contra Deus; há uma atitude de arrogância e autoglorificação incompatíveis com a admissão da realidade de que Deus existe como Deus que é.

Nada continua a ser mais difícil do que de fato submeter a vida e o controle dos poderes da História às mãos de Deus. Glória a Deus é o que os que estão contaminados pela Síndrome de Lúcifer não sabem dar, seja no mundo, seja na Igreja. Sendo que, na Igreja, a dificuldade não está em se abrir a boca para dizer "Glória a Deus, Aleluia". O problema realmente é que mesmo dizendo "Glória a Deus" os homens vivem a glória de Deus para eles mesmos. Além disso, muitos administram a glória de Deus para promover a sua própria glória. Deus é muito usado entre nós. Usado para que se enriqueça; usado para que egos adoecidos satisfaçam-se atrás dos resultados que o nome de Deus produz; usado por aqueles que ao exaltarem a Deus fazem isso como se sócios dele fossem, tamanha é a arrogância com que dizem que Deus fará o que eles dizem.

"Apelos do tipo que convidam o povo a orar com o Espírito Santo e com "um certo pregador" não são apelos que promovem a glória de Deus, mas a glória desse "certo pregador".

Penso mesmo que por trás da avalanche de pregadores de massas que há nos Estados Unidos e na América Latina há muitos que estão totalmente dominados pela Síndrome de Lúcifer. Sou pregador de massas e de televisão e sei exatamente o risco que se corre quando se usa esses veículos de modo excessivamente confiante, sem autocrítica e sem a crítica dos amigos. Poucos são os homens que como Billy Graham conheceram o prestígio, a fama e a honra e não se tornaram uns pedantes cheios de si. A maioria, por muito menos, fica com um rei na barriga.

O problema que atingiu a Igreja dos sonhos de Judas foi o mesmo. Ainda quando Judas diz que a situação daqueles dissimuladores era a de que viviam em libertinagem, manipulando a graça de Deus e usando o espaço comunitário para veiculação fácil dos seus desejos e doutrinas erradas, o que há por trás de tudo é a incapacidade de dar "Glória a Deus". Quem quer viver para glória de Deus não quer outra coisa senão submeter-se aos seus mandamentos e viver a santidade de Deus num projeto humano de vida que seja tão belo, a ponto de fazer com que os homens glorifiquem o nosso Pai que está nos céus (Mt 5.14-16). Não há pecado na existência que não seja — em última análise — uma indisposição de viver para a glória de Deus. O ser humano foi feito para Deus, para gozá-lo e para lhe ser atribuidor de glória. E o que é o pecado? É tudo aquilo que tira a pessoa de Deus como referência da vida humana, a fim de estabelecer como referência o desejo de auto-satisfação e auto-expansão ilimitadas.

É por essa razão que Judas, ao tentar oferecer meios para se combaterem os efeitos da Síndrome na Igreja, diz:

"Ora, aquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém." (Jd 24,25.)

A única maneira de se vencer o mal da Síndrome de Lúcifer é mediante a radical resolução de se oferecer a vida à glória de Deus.

Afinal, não há nada que não provenha dEle (2 Co 5.18). Mesmo o fato de estarmos "livres de tropeços", com o coração cheio de "exultação" e a vida "imaculada", procede "daquele que é poderoso para nos guardar".

Se desejamos de todo o coração viver a vida e concluí-la na perspectiva de uma existência que honrou a Deus, é preciso dedicá-la "ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso".

E isso só acontecerá se nossos recursos intelectuais, nossos carismas pessoais, nosso poder institucional, nossa capacidade de conduzir pessoas, nossa influência política, nossa força financeira, nossos projetos ideológicos, e toda a nossa vida manifestarem-se na intenção total de dar "glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos", Aquele que é o Único que pode ser a referência absoluta da vida: o Senhor Jesus Cristo.

A intenção deste livro é, claramente, sacudir tanto o autor como a todos aqueles que desejam viver de modo a deixar marcas na História, com relação ao fato de que a orientação natural da vida humana é no sentido oposto àquele para o qual ela deveria voltar-se. Por isso, é imprescindível que se viva no Espírito e que se seja discípulo dos sentimentos de Jesus. Agora ele é a Estrela da Manhã (Ap 2.28). Isso porque ele soube brilhar para a glória do Pai:

"Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz.

"Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua

confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai." (Fp 2.5-11.)

Que a graça de nosso Deus nos livre de tropeços!

FIM